

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**TRANSFERÊNCIA DE ESTRATÉGIAS DE *HEDGING*:
UM ESTUDO CONTRASTIVO ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O
INGLÊS**

BRUNA MILANO SCHEPERS

PORTO ALEGRE

2016

BRUNA MILANO SCHEPERS

**TRANSFERÊNCIA DE ESTRATÉGIAS DE *HEDGING*:
UM ESTUDO CONTRASTIVO ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O
INGLÊS**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Karina Veronica Molsing

PORTO ALEGRE

2016

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha orientadora, Profa. Dra. Karina Veronica Molsing, pela orientação, dedicação e paciência.

À minha mãe, pela constante torcida, pela compreensão nos momentos difíceis e por sempre me dar força para seguir construindo meu futuro.

À minha irmã, pelo ombro amigo e pelas palavras motivadoras quando parecia que nada iria dar certo.

Ao meu padrasto, pelos conselhos práticos e pelo constante apoio, mesmo que de longe e com poucas palavras.

Aos meus amigos, pelo companheirismo, pela compreensão nas ocasiões em que não me fiz presente e por sempre acreditarem em mim.

Aos meus colegas de curso, hoje amigos para a vida toda, pelo companheirismo, pelas risadas, pelas viagens e por todas as vezes em que “surtamos” juntos.

À CAPES, pela bolsa de estudos.

RESUMO

Este trabalho busca, sob uma perspectiva contrastiva, descrever o uso de estratégias de *hedging* em artigos de pesquisa escritos por brasileiros em português e em inglês e as possíveis transferências linguísticas provenientes de sua língua materna. Após um estudo teórico sobre a escrita acadêmica e uma breve explicação a respeito do gênero artigo, apresentamos as definições de *hedges*, assim como seus usos e funções no texto acadêmico tanto por falantes nativos quanto por falantes não nativos. Em um segundo momento, descrevemos a metodologia baseada nos princípios da Linguística de *Corpus*. Para tal, selecionamos um *corpus* de 30 artigos de pesquisa: 10 artigos escritos em português brasileiro, 10 artigos escritos em inglês por falantes nativos de português e 10 artigos escritos em inglês por falantes nativos norte-americanos. A análise e discussão dos dados foram feitas com base nas taxonomias de Hyland (1998, 2000). Os resultados mostraram algumas diferenças nos *corpora* escritos por brasileiros em relação ao *corpus* de inglês nativo, o que pode indicar possíveis transferências entre as línguas. O presente trabalho, portanto, contribui para a área de estudos do texto especializado, assim como para a área dos estudos contrastivos e do ensino de línguas para fins específicos.

Palavras-chave: *hedges*, transferência linguística, Linguística de *Corpus*.

ABSTRACT

This work aims at describing the use of hedging strategies in research articles written by Brazilians in Portuguese and in English, and the possible transfers from their mother tongue. After a theoretical study of the academic writing and a brief explanation about the gender research article, we present some definitions of hedges, as well as their uses and functions in academic text by native speakers or by non-native speakers. Secondly, we describe the methodology based on the principles of *Corpus Linguistics*. To this end, we selected a corpus of 30 research articles: 10 written in Brazilian Portuguese, 10 written in English by native speakers of Portuguese and 10 written in English by North American native speakers. The analysis and discussion of the data were based on the taxonomies proposed by Hyland (1998, 2000). The results showed some differences in the two corpora written by Brazilians in relation to the native English corpus, which may indicate possible transfers between languages. This work, therefore, contributes to the area of specialized text studies, as well as to the area of contrastive studies and the teaching of languages for specific purposes.

Keywords: hedges, linguistic transfer, *Corpus Linguistics*.

LISTA DE ABREVIATURAS

CInLA – *Corpus* em Inglês como língua adicional

CInL1 – *Corpus* em Inglês como primeira língua

CPB – *Corpus* em Português Brasileiro

ESP –English for Specific Purposes

EAP – English for Academic Purposes

IFA – Inglês para Fins Acadêmicos

INLH – Inglês (LA) da revista Letras de Hoje

INRV – Inglês (LA) da revista ReVEL

InLS – Inglês (L1) da revista Language Sciences

InIJAL – Inglês (L1) da revista International Journal of Applied Linguistics

L1 – Primeira Língua

LA – Língua Adicional

PB – Português Brasileiro

PLA – Português como Língua Adicional

PBLH – Português Brasileiro da revista Letras de Hoje

PBRV – Português Brasileiro da revista ReVEL

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Possíveis <i>Hedges</i> no PB por Sun (2011)	24
Figura 2 – Classificação de <i>hedges</i> adotada para a análise dos <i>corpora</i>	26
Figura 3 – Ferramenta <i>Wordlist</i> do programa AntConc	37
Figura 4 – Ferramenta <i>Concordancer</i> do programa AntConc	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Seleção do <i>corpus</i>	34
Tabela 2 – Extensão dos <i>corpora</i>	36
Tabela 3 – Número total de ocorrências de <i>hedges</i> nos <i>corpora</i> CPB, CInLA e CInL1	39
Tabela 4 – Número de ocorrências por categoria lexical no <i>corpus</i> CPB	40
Tabela 5 – Ocorrências de verbos modais no <i>corpus</i> CPB	40
Tabela 6 – Ocorrências de verbos lexicais no <i>corpus</i> CPB	44
Tabela 7 – Ocorrências de advérbios no <i>corpus</i> CPB	46
Tabela 8 - Ocorrências de adjetivos no <i>corpus</i> CPB	48
Tabela 9 – Número de ocorrências por categoria lexical no <i>corpus</i> CInLA	49
Tabela 10 – Ocorrências de verbos modais no <i>corpus</i> CInLA	50
Tabela 11 – Ocorrências de verbos lexicais no <i>corpus</i> CInLA	58
Tabela 12 – Ocorrências de advérbios no <i>corpus</i> CInLA	60
Tabela 13 - Ocorrências de adjetivos no <i>corpus</i> CInLA	61
Tabela 14 – Número de ocorrências por categoria lexical no <i>corpus</i> CInL1	62
Tabela 15 – Ocorrências de verbos modais no <i>corpus</i> CInL1	63
Tabela 16 – Ocorrências de verbos lexicais no <i>corpus</i> CInL1	67
Tabela 17 – Ocorrências de advérbios no <i>corpus</i> CInL1	69
Tabela 18 - Ocorrências de adjetivos no <i>corpus</i> CInL1	71
Tabela 19 – Número de palavras, ocorrências de <i>hedges</i> e total de ocorrências em cada categoria lexical nos três <i>corpora</i>	72
Tabela 20 – Frequência do uso de <i>hedges</i> em cada <i>corpus</i>	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.1 Inglês para Fins Acadêmicos (IFA)	14
1.1.1 A escrita acadêmica	15
1.1.2 Gênero artigo científico	17
1.2 <i>Hedges</i>	19
1.2.1 A vaguidade linguística	19
1.2.2 O que são <i>hedges</i> ?	20
1.2.3 <i>Hedging</i> na escrita acadêmica	21
1.2.4 <i>Hedging</i> no Inglês	23
1.2.5 <i>Hedging</i> no Português Brasileiro	24
1.2.6 Classificação de <i>hedges</i>	26
1.2.6.1 Verbos modais	26
1.2.6.2 Verbos lexicais	27
1.2.6.3 Advérbios	28
1.2.6.4 Adjetivos	29
1.3 Influência translinguística	30
2. METODOLOGIA	33
2.1 A natureza da pesquisa	33
2.2 O <i>corpus</i>	33
2.2.1 A seleção do <i>corpus</i>	33
2.2.2 Coleta e armazenamento do <i>corpus</i>	35
2.2.3 Procedimento para análise dos dados	36
3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	39
3.1 O <i>corpus</i> CPB (<i>Corpus</i> em Português Brasileiro)	39
3.2 O <i>corpus</i> CInLA (<i>Corpus</i> em Inglês como língua adicional)	49
3.3 O <i>corpus</i> CInL1 (<i>Corpus</i> em Inglês como primeira língua)	62
4. DISCUSSÃO COMPARATIVA DOS DADOS	72
4.1 Comparação geral do uso de <i>hedges</i> nos <i>corpora</i> CPB, CInLA e CInL1 ...	73
4.2 Sobre a transferência de <i>hedges</i> entre o PB e o inglês como LA	75
CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

A expansão da língua inglesa no mundo conferiu à mesma o status de *lingua franca*¹ (*English as a Lingua Franca* – ELF). Pesquisadores de diversas áreas estão cada vez mais divulgando seus trabalhos científicos em inglês visando uma maior visibilidade na comunidade acadêmica internacional. No Brasil, o Ministério da Educação criou o programa Inglês sem Fronteiras, que, através do programa Ciências sem Fronteiras, tem como objetivo principal “incentivar o aprendizado do idioma inglês, bem como propiciar uma mudança abrangente e estruturante no ensino de idiomas estrangeiros nas universidades do País como um todo”². Por essas razões, o Inglês para Fins Acadêmicos (doravante IFA) tem evoluído rapidamente nos últimos anos e tem adquirido um papel importantíssimo no processo de ensino e aprendizagem.

No entanto, na tentativa de ter acesso ao conhecimento especializado, tanto pesquisadores experientes quanto aqueles que estão iniciando suas pesquisas se deparam com dificuldades no uso da linguagem especializada até mesmo em suas línguas maternas. O mesmo ocorre quando a escrita se dá em outro idioma. Visto que textos escritos em línguas distintas, porém pertencentes ao mesmo gênero discursivo, apresentam diferenças retóricas marcantes, o não conhecimento dos padrões retóricos dessas línguas resultaria em um obstáculo para o pesquisador que tem por objetivo ser aceito como membro de uma comunidade discursiva específica.

Diante deste cenário, a área de IFA tem apresentado mudanças motivadas pela internacionalização e globalização da educação superior. Como afirma Hyland (2006), a população acadêmica tem se tornado extremamente diversificada, particularmente no que diz respeito aos contextos étnicos e linguísticos. Dessa forma, ainda de acordo com o autor, a área de ensino de inglês acadêmico tem procurado formas de compreender e lidar com os contextos social, cultural e ideológico de uso da língua.

Ao considerarmos os aspectos retóricos e pragmáticos do discurso acadêmico, podemos afirmar que textos escritos, inclusive os científicos, não podem ser dissociados de seus contextos sócio-culturais. Yates (2010), por exemplo, notou que algumas funções discursivas apresentam convenções altamente específicas de uma determinada cultura. Portanto, o contexto da língua materna deve ser considerado uma variável de

¹ Hyland (2006) define *lingua franca* como uma variedade de inglês que não assume a adesão a todas as convenções de comunicação da língua inglesa.

² Mais informações sobre o programa podem ser encontradas no endereço eletrônico <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/ingles-sem-fronteiras>

extrema importância no âmbito das pesquisas em pragmática, pois, como afirma Hyland (2006, p. 31), um dos principais objetivos de uma abordagem pragmática da escrita acadêmica é “capacitar os aprendizes iniciando-os nas formas de como compor significados que são valorizados nos cursos e disciplinas alvo, para ajudar as pessoas, falantes nativos e não nativos, a desenvolver a sua competência comunicativa acadêmica” (tradução nossa).³

Estudos mostraram que as convenções da escrita científica e o estilo de argumentação variam de uma cultura para outra (CLYNE, 1991; GALTUNG, 1979; MARKKANEN & SCHRÖDER, 1988 a,b). Dessa forma, nos parece ser de extrema importância o estudo translinguístico sobre como escritores modulam seus discursos em diferentes línguas e gêneros. Tendo em vista a variedade de aspectos que podem ser analisados na escrita acadêmica, escolhemos as estratégias de *hedging* para uma análise mais aprofundada.

Hedges são “os termos cuja função é fazer com que os enunciados fiquem mais ou menos imprecisos” (LAKOFF, 1973, p. 471), como, por exemplo, *sort of, loosely speaking, more or less, technically, often, in a way, actually*, etc. Segundo Lakoff (1973), a função principal desse tipo de termo é modificar o grau de categorização das palavras e valor de verdade das sentenças.

Rounds (1982) afirma que *hedging* é fundamental para o discurso acadêmico e, portanto, digno de consideração e atenção no âmbito instrucional. Além disso, a pouca informação em livros didáticos (ZUCK E ZUCK, 1987) e o fato de que falantes não nativos de inglês não dão a devida atenção a estratégias de vagueza na escrita (LACKSTROM, SELINKER & TRIMBLE, 1972), exige inúmeras possibilidades de aplicação pedagógica.

Assim, o estudo ora proposto busca, sob uma perspectiva contrastiva, descrever o uso de estratégias de *hedging* em artigos científicos escritos por brasileiros em português brasileiro (doravante PB) e em inglês e as possíveis transferências linguísticas da L1 para a L2. Utilizaremos como referência um *corpus* composto por artigos em inglês escritos por falantes nativos norte-americanos. Para a análise dos dados serão utilizadas as listas de *hedges* propostas por Hyland (1998, 2000), assim como os

³ Citação original: “One of the main objectives of this approach is, therefore, to empower learners by initiating them into the ways of making meanings that are valued in their target courses and disciplines, to help people, both native and non-native speakers, to develop their academic communicative competence”.

princípios metodológicos da Linguística de *Corpus* (BERBER-SARDINHA, 2004; McENERY, T. & HARDIE, A. 2012).

A motivação para a pesquisa tem origem na minha caminhada como aluna da área de Letras e, também, na minha experiência como professora de inglês como língua adicional⁴ (doravante LA). Ao longo dos anos, pude notar na fala e escrita de meus alunos muitas transferências diretas do português. Como aluna, ao escrever em inglês, deparo-me com algumas estruturas que evidenciam a influência da minha língua materna. Além disso, atualmente, faço parte do grupo de pesquisa sobre o Uso e Processamento de Língua Adicional (UPLA), nesta universidade, no qual trabalhamos inúmeros aspectos da escrita acadêmica, tendo a pragmática como fio condutor.

Tais fatores, portanto, me impulsionaram a analisar de forma mais aprofundada a área de IFA, com o objetivo de verificar se as possíveis transferências de uma língua para a outra podem afetar pragmaticamente a escrita acadêmica, visto que a mesma é permeada por aspectos culturais.

Dessa forma, o estudo será norteado pelas seguintes questões:

- Como se caracterizam as distribuições de uso de *hedges* no inglês e no português brasileiro?
- Como se dá a transferência de *hedges* na escrita acadêmica?
- Como tais transferências podem afetar a escrita em termos pragmáticos?
- Como aplicar os resultados obtidos na área de ensino e aprendizagem de escrita em nível acadêmico?

Além de responder estas questões, esperamos encontrar evidências de transferências de *hedges* em todas as categorias lexicais. No entanto, se considerarmos o alto nível de proficiência dos autores do *corpus* analisado, as possíveis transferências devem ser pontuais e sutis.

O presente trabalho apresenta-se estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresentamos o referencial teórico utilizado. O mesmo está dividido em três

⁴ Neste trabalho, optamos pelo termo *língua adicional* (LA) ao invés de *segunda língua* ou *língua estrangeira*. Esta escolha se justifica por ser este um termo mais abrangente. O termo *segunda língua* não inclui uma terceira ou, até mesmo, quarta língua; e o termo *língua estrangeira* pode apresentar conotações negativas. Mais informações podem ser encontradas no seguinte endereço eletrônico: <http://www.ibe.unesco.org/publications/EducationalPracticesSeriesPdf/prac06e.pdf>.

seções: I – Inglês para Fins Acadêmicos (IFA); II – Hedges; e III – Influência translinguística. O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada, assim como alguns pressupostos teóricos da Linguística de *Corpus* e a descrição dos procedimentos metodológicos da pesquisa. No terceiro capítulo, apresentaremos a descrição dos *corpora*, focando nos principais tipos de *hedges* encontrados em cada um. No quarto e último capítulo, procederemos com a análise qualitativa dos *corpora*, baseada na descrição dos dados, e verificaremos as transferências linguísticas encontradas. Na conclusão, retomaremos os resultados do trabalho, a fim de apontar sugestões para futuras pesquisas e aplicações pedagógicas.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 INGLÊS PARA FINS ACADÊMICOS (IFA)

Surgida no início dos anos 80 como uma extensão de *English for Specific Purposes* (ESP), atualmente, a área de *English for Academic Purposes* (EAP) possui grande força nas áreas de ensino e pesquisa em língua inglesa. Com o aumento do número de publicações no âmbito acadêmico, cresce cada vez mais a necessidade de instrução adequada no que diz respeito à escrita no ambiente da universidade, visto que parte da competência acadêmica envolve a familiaridade com práticas discursivas convencionais de uma comunidade de disciplina específica (BRUFFEE, 1986; SWALES, 1990; 1996).

O Inglês para Fins Acadêmicos (IFA) (terminologia utilizada em português) é geralmente definido como o ensino de inglês com o objetivo de auxiliar nos estudos ou pesquisas do aprendiz da língua. O termo em inglês, *English for Academic Purposes*, foi cunhado por Tim Johns em 1974 e apareceu pela primeira vez em uma coletânea de artigos editados por Cowie e Heaton em 1977. Posteriormente, foi estabelecido como uma das duas principais extensões de ESP. Em seu livro, *English for Academic Purposes: An Advanced Resource Book*, Hyland resume IFA/EAP da seguinte forma:

“É, em suma, o ensino especializado da Língua Inglesa fundamentado nas demandas sociais, cognitivas e linguísticas de situações acadêmicas específicas, proporcionando instruções informadas pela compreensão de textos e pelas restrições de contextos acadêmicos.”⁵ (HYLAND, 2006, p. 2) (Nossa tradução)

É, portanto, um termo bastante amplo que abrange todas as áreas de práticas comunicativas acadêmicas, dentre elas, o ensino em níveis superiores, interações em sala de aula, gêneros de pesquisa, escrita acadêmica e práticas administrativas (HYLAND, 2006). Sua expansão e complexidade aumentam, dentre outras razões, em decorrência do uso do inglês por falantes não nativos que trabalham em países onde a língua inglesa é utilizada como meio de instrução em níveis universitários.

⁵Citação original: “It is, in short, specialized English-language teaching grounded in the social, cognitive and linguistic demands of academic target situations, providing focused instruction informed by an understanding of texts and the constraints of academic contexts.”

Ainda de acordo com Hyland (2006), um dos aspectos que tem impulsionado a expansão da área de IFA é a preocupação com o uso do inglês por falantes não nativos inseridos no meio acadêmico, especialmente aqueles que trabalham em países onde o inglês é usado como meio de instrução na universidade, como Hong Kong e Singapura. No Brasil, por exemplo, o programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) tem proporcionado oportunidades de acesso a “universidades de países onde a educação superior é conduzida em sua totalidade ou em parte por meio de línguas estrangeiras” (Ministério da Educação - MEC)⁶. O estudante brasileiro precisa, para ser beneficiado pelo programa, comprovar proficiência em outro idioma, que, na maioria das vezes, é o inglês.

Diante deste cenário, vê-se que a instrução no âmbito da escrita acadêmica é de extrema importância, seja na primeira língua ou em uma língua adicional. Trataremos, portanto, na próxima seção, da escrita acadêmica como objeto de pesquisa e como espaço para abordagem de aspectos culturais que permeiam diferentes comunidades discursivas.

1.1.1 A ESCRITA ACADÊMICA

Há algum tempo a escrita acadêmica vem sendo objeto de pesquisas nas áreas de estudos linguísticos e pragmáticos. Desde a sugestão de Kaplan (1980 [1966] *apud* BENNET, 2010), de que o discurso acadêmico apresentaria diferenças culturais no que diz respeito aos padrões de escrita em uma determinada língua, houve um aumento no número de estudos contrastivos de práticas discursivas em diferentes culturas.

Ensinar a escrita acadêmica tanto em contextos de língua materna, como de segunda língua e língua estrangeira, há muito constitui foco das atenções em diversos centros do mundo (KROLL, 2001). Ao falarmos de escrita acadêmica em inglês e suas respectivas estratégias de construção, faz-se necessário abordar o papel da instrução e da utilização adequada das mesmas por falantes nativos e não nativos em seus variados níveis de proficiência.

Frequentemente, deparamo-nos com a crença popular de que a escrita acadêmica seria uma série de constatações impessoais de fatos que constituem a verdade (HYLAND, 1998). Muitos autores, no entanto, discordam desta visão fatal e impessoal

⁶ Mais informações sobre o programa podem ser obtidas no endereço eletrônico <http://isf.mec.gov.br/>.

da escrita acadêmica. Como afirma Hyland (1994), reconhece-se que qualquer texto escrito envolve uma interação entre autor e leitor. Shen (1988), por exemplo, afirma que o processo de aprendizagem da escrita na universidade também envolve um processo de criação de identidade.

No entanto, para estudantes de LA que escrevem em uma língua que não a sua língua materna, tal processo de criação de identidade pode ser considerado mais difícil. Como afirma Araújo (2009, p. 17), “mesmo sabendo das convenções existentes quanto à produção de artigos acadêmicos e traços retóricos que fazem parte dos mesmos, alguns aspectos ainda podem causar certa dificuldade aos pesquisadores/escritores de artigos ao redigirem seus textos”. Ao redigirem um texto em outra língua, é possível notar diferenças nas escolhas léxico-gramaticais, assim como nas convenções típicas de cada idioma. De acordo com Carvalho (2011, p. 17), tanto iniciantes quanto pesquisadores do meio acadêmico que desconhecem padrões retóricos utilizados em práticas discursivas em uma determinada língua “terão dificuldades em divulgar suas ideias, assim como também persuadir os colegas, seus possíveis leitores, quanto à veracidade ou ainda à importância de suas pesquisas”.

Alguns estudos exemplificam as diferenças retóricas entre as línguas. Eles apontam que, diferentemente da área de escrita acadêmica em inglês, que é altamente regulada, autores portugueses das ciências humanas e sociais não seguem regras rígidas (BENNET, 2010), o que resulta em uma grande variedade de estilos de escrita. Em seu estudo, Bennet (2010) mostra que pesquisadores portugueses percebem uma clara diferença nos discursos acadêmicos em inglês e português⁷. Por exemplo, o discurso acadêmico em português faz grande uso de referências pessoais, como verbos em primeira e segunda pessoa (singular e plural), pronomes pessoais e seus respectivos adjetivos possessivos. Enquanto algumas destas características são aceitáveis em inglês, outras são menos familiares.

No que diz respeito ao PB, estudos recentes apontam que, apesar das tendências encontradas em inglês, falantes nativos preferem usar estruturas que expressam uma postura implícita do autor em textos acadêmicos, como as passivas sintéticas e analíticas ao invés de expressões explícitas com pronomes pessoais e possessivos (MOLSING E PERNA, 2014).

⁷ É importante ressaltar que este estudo analisa o discurso acadêmico no Português europeu.

Portanto, considerando-se que a escrita acadêmica envolve um processo de criação de identidade e não pode ser dissociada dos aspectos culturais do autor, entende-se que os padrões discursivos de cada língua tendem a diferir entre si. Para esta pesquisa, escolhemos o gênero artigo científico como representativo da escrita acadêmica. Prosseguimos, portanto, com algumas breves considerações sobre gêneros acadêmicos, em especial o artigo científico, foco deste trabalho.

1.1.2 GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO

Os estudos sobre gêneros ocupam um espaço importante na área da linguagem em uso, principalmente no que diz respeito à interação em comunidades acadêmicas e profissionais e ao ensino de línguas. Basicamente, gênero é um termo para agrupar os textos, representando como os escritores costumam usar a linguagem para responder a situações recorrentes (HYLAND, 2006). Swales (1990) afirma que os gêneros pertencem a comunidades discursivas e não a indivíduos.

Miller (1994) nos diz que o gênero é um ato social dentro de um contexto retórico amplo e, portanto, possui força pragmática. Além disso, a autora percebe o gênero como cultural, histórico e, portanto, dinâmico. Em seu artigo *Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre*, Miller (1994, p. 71) sugere que “o gênero seja visto como um componente específico e importante da sociedade, um aspecto importante da sua estrutura comunicativa, uma das estruturas de poder que as instituições exercem” (nossa tradução).⁸

De acordo com Hyland (2004), é necessário ver a escrita acadêmica como um grupo de práticas sociais coletivas e, para tal, o foco deve estar em textos publicados, visto que são as realizações mais concretas, públicas e acessíveis dessas práticas. Assim, dentre a grande variedade de gêneros de escrita, escolhemos para este trabalho o artigo científico, devido ao grande número de publicações disponíveis na internet para a pesquisa e, principalmente, por ser este o gênero priorizado na divulgação de resultados de pesquisa no mundo inteiro e no grupo de pesquisa sobre o Uso e Processamento de Língua Adicional (UPLA)⁹, do qual faço parte.

⁸ Citação original: “What I want to propose, then, is that we see genre as a specific, and important, constituent of society, a major aspect of its communicative structure, one of the structures of power that institutions wield.”

⁹ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0705653235733182>

Swales (1990) define o artigo científico como o gênero escrito que reporta a alguma investigação feita pelos seus autores, com o objetivo de apresentar descobertas e/ou discussões de questões teóricas e/ou metodológicas. Motta-Roth (2010, p. 65), em uma definição mais detalhada, diz que: “o artigo é um texto, de aproximadamente 10 mil palavras, produzido com o objetivo de publicar, em periódicos especializados, os resultados de uma pesquisa desenvolvida sobre um tema específico”. A mesma autora ainda nos diz que o artigo é o gênero textual mais recorrente para a produção e divulgação de conhecimento na comunidade acadêmica, pois tem como objetivos básicos apresentar e discutir resultados de pesquisas ou ainda apresentar revisão de literatura da área (MOTTA-ROTH, 2002).

Ao produzir um texto científico, Myers (1999) aponta que o pesquisador acaba envolvendo várias questões, mas a mais importante é ser reconhecido e aceito por sua comunidade discursiva¹⁰. Swales (1990) define comunidade discursiva como uma comunidade que apresenta uma série de objetivos em comum, tem mecanismos próprios para a comunicação com outros membros, faz uso de um ou mais gêneros para comunicar seus propósitos e possui um conhecimento compartilhado pelos membros da comunidade, dentre outros aspectos.

O gênero artigo científico é comum a várias áreas. Contudo, cada área o elabora de uma maneira peculiar, frequentemente havendo diferenças léxico-gramaticais, semântico-pragmáticas e de organização retórica entre áreas distintas (BHATIA, 1997). Portanto, na tentativa de serem aceitos por uma determinada comunidade discursiva, o pesquisador deverá utilizar estratégias de escrita que o auxiliem na criação de sua identidade acadêmica. Um exemplo dessas estratégias seria o *hedging*. O controle sobre essa característica do discurso acadêmico é, portanto, um importante recurso comunicativo para escritores de LA em qualquer nível de proficiência e será objeto de estudo do presente trabalho. Na próxima seção, tratarei dos *hedges*, também chamados *atenuadores* ou *anguladores* por alguns autores (ARAÚJO, 2009; ALMEIDA, 1999).

¹⁰ O conceito de comunidade discursiva, além de ser útil para o estudo de contextos acadêmicos, também auxiliou nos estudos de escrita para propósitos específicos. Estudos como os de Killingsworth e Gilbertson (1992), Olsen (1993) e Orlikowski e Yates (1994) analisaram a necessidade de identificar e se dirigir a um público específico na área dos negócios. Outros pesquisadores como Offord-Gray e Aldred (1998:77) focaram nas necessidades dos aprendizes diante de uma determinada comunidade discursiva.

1.2 HEDGES

Uma das características mais importantes do discurso acadêmico é o modo como escritores buscam modificar suas asserções ao, por exemplo, enfraquecer reivindicações incertas ou potencialmente arriscadas. Estas expressões de dúvida, incerteza ou vaguidade são definidas como *hedges*. Para um melhor entendimento das diferentes funções dos *hedges* no discurso, apresentaremos, a seguir, a noção de vaguidade ou vagueza linguística, visto que essa é uma das principais funções das estratégias de *hedging*.

1.2.1 A VAGUIDADE LINGUÍSTICA

O estudo de *hedges* consolidou-se na área da Linguística somente na década de 70, com os estudos de Lakoff. No entanto, a noção de vaguidade na língua já vinha sendo discutida por filósofos como C. S. Peirce (1902), considerado fundador deste conceito. A mesma foi definida como a relação entre a proposição da fala do sujeito e a incerteza da interpretação dos termos pelo ouvinte. Russell (1923) propôs que a vaguidade pertence a qualquer língua do mundo, fazendo com que a noção fosse estudada como parte de uma teoria específica.

Neste mesmo período, discutiu-se, também, a questão da vaguidade na fala como uma vantagem ou desvantagem. Enquanto muitos advogavam em favor do uso concreto da linguagem, sem ambiguidades, outros afirmavam que o próprio sistema linguístico permitia o contrário. No entanto, os autores dessa época “tinham interesse somente na explicação da categoria semântica das palavras, mas poucos estudos se preocupavam com o sentido do enunciado e a influência do uso da vaguidade linguística” (SUN, 2011, p. 21).

Um dos primeiros autores a tentar chegar ao conteúdo da linguagem em relação à vaguidade, foi Zadeh. O autor (1965, p. 338-353 *apud* SUN, 2011) foi o criador da teoria de “Fuzzy Set”. Nessa teoria, as palavras são consideradas como uma classe de elementos “fuzzy”, cujas fronteiras são sempre imprecisas. Seu estudo é considerado um importante predecessor do estudo de *hedges*.

A linguagem vaga, portanto, constitui um aspecto da competência pragmática e possui diversas funções, sendo geralmente expressa por meio do uso de *hedges*. Hyland (2000) distingue dois tipos de marcadores epistêmicos: os *hedges*, que expressam

possibilidade, e os *boosters*¹¹, que expressam convicção. Atualmente, para muitos autores, os *hedges* denotam apenas a função de atenuação. Desse modo, para fins de pesquisa, o foco deste trabalho será nos dois tipos. A definição do termo será apresentada a seguir.

1.2.2 O QUE SÃO HEDGES?

Como mencionado anteriormente, o termo *hedges* foi primeiramente utilizado por Lakoff. Ele os define como “os termos cuja função é fazer com que os enunciados fiquem mais ou menos imprecisos” (LAKOFF, 1973, p. 471). Segundo o autor, a função principal desse tipo de termo é modificar o grau de categorização das palavras e valor de verdade das sentenças.

Após Lakoff, muitos autores passaram a estudar os *hedges* com a função de modificar a força dos atos de fala. Fraser (1975, 1980) desenvolveu o conceito de “*hedges* performativos”, que poderiam ser mitigados através dos verbos modais. Em 1983, Brown e Levinson discutem *hedges* em seu livro *Politeness: Some Universals in Language Use*. Em uma perspectiva pragmática, os autores sugerem que os *hedges* podem ser “uma partícula, uma palavra, ou um sintagma que modifica o grau de associação de um predicado ou um sintagma nominal em um conjunto; essa associação é parcial, ou verdadeira até certo ponto, ou mais verdadeira e completa do que poderia ser previsto” (BROWN E LEVINSON, 1987, p. 145)¹². A partir desses estudos, como afirma Kaltenböck *et al.* (2010), os *hedges* passaram a fazer parte do domínio da pragmática.

Hyland define *hedges* como sendo palavras ou expressões que apresentam tentativas e possibilidades de grande importância para a escrita acadêmica, visto que nesse ambiente existe um cuidado em apresentar proposições que não foram comprovadas, com cuidado e precisão. Essas palavras e/ou expressões podem ser expressas através de verbos modais (ex: *must, should, can, could, may, might, would*), verbos lexicais (ex: *suggest, indicate, speculate, hypothesise, believe, suggest*), advérbios (ex: *probably, apparently, relatively, essentially*) e adjetivos (ex: *(un)likely, possible, most, consistent with*) (HYLAND 1998, 2000). Vale ressaltar que os *hedges*

¹¹ intensificadores

¹² Citação original: “... a particle, word or phrase that modifies the degree of membership of a predicate or a noun phrase in a set; it says of that membership that it is partial or true only in certain respects, or that it is m=+ore true and complete than perhaps might be expected.”

podem ser expressos de inúmeras formas e não somente a partir de itens lexicais. Em PB, a flexão do verbo no modo subjuntivo expressa incerteza, dúvida ou desejo e, portanto, também serve para modular a linguagem, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

- Talvez ela **possa** ir à festa.
- Se tudo **der** certo, terminarei o trabalho hoje.

No Brasil, o termo foi cunhado por Almeida (1999) como *anguladores*. Ao investigar o funcionamento destes elementos no PB, a autora descobre que um aspecto comum a todos os anguladores é o fato de “serem sempre recurso para o falante exprimir sua opinião sobre o que está proferindo” (ALMEIDA, 1999, p. 135). Por essa razão, ela propõe que eles sejam tratados como uma subcategoria da modalidade. São exemplos de anguladores do português: *uma forma de, um tipo de, praticamente, de um modo geral, estritamente falando, de certa maneira, em certos aspectos, etc.*

Considerando-se que as estratégias de *hedging* apresentam grande importância na escrita acadêmica, apresentaremos, a seguir, alguns estudos nesta área, com o objetivo de ilustrar seus usos e funções no discurso.

1.2.3 HEDGING NA ESCRITA ACADÊMICA

Muitos estudos abordam a construção de significados interpessoais no gênero acadêmico. Podemos citar, entre outros, o trabalho sobre o uso de atenuadores em escrita acadêmica (CROMPTON, 1997); de *hedges* e *boosters* como mecanismos de negociação entre membros de uma área disciplinar (HYLAND, 1998) e sobre o uso de atenuadores em artigos de divulgação científica na área da medicina (VARTTALA, 1999). No cenário nacional podemos citar os trabalhos de Almeida (1999), sobre o processo de mesclagem em *anguladores*, de Figueiredo-Silva (2001), sobre o ensino do uso de atenuadores em escrita acadêmica e de Carvalho (2011), sobre as marcas de atenuação em artigos de pesquisa produzidos por autores brasileiros e alemães. Também podemos citar as pesquisas de Sun (2011, 2015) a respeito do uso de *hedges* por falantes brasileiros de português e aprendizes chineses de PLA e *hedgings* em textos acadêmicos, a partir de uma perspectiva de aquisição de L3.

Considerando-se as competências discursivas necessárias para a produção do discurso acadêmico, a estratégia de *hedging*, que permite que os autores manipulem seu texto convidando o leitor a fazer inferências, apresenta um papel essencial na escrita. Estudos como o de Hyland (1995) e o de Neary-Sundquist (2013) mostraram que aprendizes de inglês apresentam algumas dificuldades com o uso de *hedges*. Outros estudos como o de Clyne (1991, p. 57 *apud* VARTALLA, 1998) observaram que, quando pesquisadores alemães produzem textos em inglês, eles tendem a usar mais *hedges* do que falantes nativos de inglês. No discurso, portanto, *hedging* é considerado um aspecto da competência pragmática necessário nas interações comunicativas.

Dessa forma, considerando-se que *hedging* constitui uma técnica comum de comunicação de informação no discurso científico (ROUNDS, 1981; BLOOR, 1984; SKELTON, 1988), deve ser estudado e ensinado de forma explícita. Como afirma Hyland (1998):

“O discurso acadêmico invariavelmente envolve declarações interpretativas porque os acadêmicos estão crucialmente preocupados com variedades de cognição, e a cognição é, inevitavelmente, modulada, pois os escritores oferecem uma avaliação da informação referencial que eles fornecem.” (HYLAND, 1998, p. 6) (Tradução nossa)¹³

Partindo-se do pressuposto de que indivíduos de diferentes contextos culturais utilizam as estratégias de *hedging* de forma diferenciada, o uso dos *hedges* deve ser tratado com maior atenção. Rounds (1982) considera as estratégias de atenuação um importante problema para falantes não nativos de inglês, o que deve ser digno de consideração e atenção no contexto instrucional.

De acordo com os propósitos desta pesquisa, faz-se necessário analisar com mais detalhes as tendências de uso de estratégias de *hedging* em cada uma das variedades que serão aqui abordadas, a saber, o uso de *hedges* por brasileiros em inglês e em PB e por falantes nativos de inglês. Portanto, a seguir, apresentaremos resultados de estudos prévios na área a fim de caracterizar cada variedade de escrita quanto ao uso de *hedges*. Tais estudos também servirão como base para as nossas hipóteses.

¹³ Citação original: “Academic discourse invariably involves interpretative statements because academics are crucially concerned with varieties of cognition, and cognition is inevitably hedged, with writers offering an assessment of the referential information they provide”.

1.2.4 HEDGING NO INGLÊS

Visto que a maioria das pesquisas a respeito de estratégias de *hedging* lida com textos em inglês, pode-se dizer que a literatura sobre o assunto é abundante e sua importância é amplamente reconhecida em relação à produção acadêmica na língua em questão. Em inglês, os *hedges* podem ser expressos através de verbos modais e lexicais, expressões adjetivais, adverbiais e nominais, voz passiva, tempo verbal, dentre outros (HYLAND, 1994).

De acordo com Hyland (1994), os verbos modais são os mais utilizados como *hedges* na escrita acadêmica e, também, são mais facilmente identificados como tal. Tais observações são confirmadas em estudos como o de Butler (1990), no qual o autor observou que os verbos modais constituíam uma em cada 100 palavras em artigos científicos. Em outro estudo, Hanania e Akhtar (1985) observaram que os verbos modais representavam 8.1% de todos os verbos utilizados no *corpus* analisado, sendo os mais usados *can*, *may* e *will*.

Em segundo lugar, ainda segundo Hyland (1994), estão os verbos lexicais que expressam modalidade epistêmica¹⁴. O autor menciona Holmes (1988, p. 31-32) e Skelton (1988 a, b) e suas análises de *corpora* acadêmicos como JDEST¹⁵, Brown¹⁶ e LOB¹⁷, que revelam que os verbos lexicais mais frequentes como estratégias de *hedging* são *seem*, *appear*, *suggest*, *indicate*, *assume* e *believe*.

O estudo de Salager-Meyer (1994) também encontrou resultados semelhantes aos já mencionados. Em um *corpus* de 15 artigos, a autora destaca os três tipos de *hedges* mais utilizados, assim classificados pela autora: protetores¹⁸, aproximadores¹⁹ e *hedges* compostos²⁰. O primeiro tipo inclui os verbos modais, os semi-auxiliares, os advérbios de probabilidade e seus adjetivos derivados e verbos epistêmicos. Essas categorias totalizaram 90% do número total de *hedges* do *corpus* analisado pela autora. O segundo tipo inclui advérbios de quantidade, grau, frequência e tempo e o terceiro inclui sequências de *hedges*.

¹⁴ A questão da modalidade epistêmica será abordada na seção 1.2.6.1.

¹⁵ Jiaotong Daxue English for Science and Technology

¹⁶ The Brown University Standard Corpus of Present-Day American English

¹⁷ The Lancaster-Oslo/Bergen Corpus

¹⁸ shields

¹⁹ approximators

²⁰ compound hedges

Dessa forma, a partir dos estudos mencionados, podemos notar uma tendência no uso de *hedges* em inglês, na qual é possível ver uma predominância do uso de verbos modais e lexicais como estratégias de *hedging*. Assim, a presente pesquisa pretende verificar se tal tendência se mantém no *corpus* aqui analisado, de forma a comparar os usos entre o idioma inglês e o PB. Na próxima seção, portanto, faremos uma revisão dos estudos sobre *hedges* no PB.

1.2.5 HEDGING NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No Brasil, os *hedges* são chamados de anguladores, modalizadores epistêmicos, atenuadores, marcadores epistêmicos de atenuação, dentre outros. Apesar das inúmeras denominações, a definição é a mesma: são recursos utilizados pelo autor para suavizar o efeito de uma proposição. Almeida (1999) chama a atenção para o fato de esta categoria de itens lexicais não ser especificada nas gramáticas de língua portuguesa. Alguns estudos, no entanto, merecem atenção. Nesta seção, portanto, vamos detalhar alguns desses estudos que contribuem, de alguma forma, para os propósitos desta pesquisa.

Os estudos sobre *hedges* no PB são limitados. No entanto, alguns autores os estudaram de forma mais aprofundada. Almeida (1997), por exemplo, propôs uma tipologia para os anguladores (termo cunhado pela própria autora) em PB. Ela os dividiu da seguinte forma: anguladores decomposicionais, de propriedades essenciais, analógicos, de propriedades periféricas e de propriedades quantitativas.

Entretanto, a maioria das pesquisas a respeito do uso de *hedges* em português privilegia estudos comparativos. Sun (2011), por exemplo, compara o uso de *hedges* por falantes brasileiros de português e por aprendizes chineses de português como língua adicional na linguagem oral. A autora também analisa quais são os principais fatores que podem influenciar essas estratégias nos trabalhos de conclusão de curso de graduação, produzidos por alunos chineses (SUN, 2015). Sun (2011) faz o seguinte levantamento dos possíveis *hedges* no PB:

Nº	Descrição:	Exemplo:
1	Alguns morfemas	<ul style="list-style-type: none"> • Me faça um favorzinho? • Obrigadão!
2	As palavras ou sintagmas	<ul style="list-style-type: none"> • Eu tenho orkut que quase não uso. • Talvez eu esteja errada. • Nas últimas férias, eu fiquei praticamente em casa. • Nós ficávamos lá uns três, quatro dias. • A razão é mais ou menos isso. • Há cerca de dois meses não ligo a televisão. • Isso significa, grosso modo, que não há mais classe média. • Às vezes, assisto um pouco de TV

3	Tempo verbal específico: (pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo e futuro pretérito)	<ul style="list-style-type: none"> • Se eu fosse o professor, não deixaria para mostrar para os pais essas notas no dia da entrega dos boletins. • A gente tenha talvez três ou quatro jornadas. Isso podia ser um cansaço psicológico absurdo. • Você poderia fazer uma análise quantitativa. • Político teria que ser trabalho voluntário.
4	Pergunta retórica.	• Isso não é uma boa ideia???
5	Pronomes.	• A: Qual o momento mais emocionante vivido por você até hoje?
		B: Quando eu tinha 15 anos, a minha sobrinha nasceu, aí a gente se sentia como mamãe. (“a gente” com sentido de “eu”)
6	Frases ou inserções parentéticas:	<ul style="list-style-type: none"> • Vou escolher barco como o meio de transporte, eu acho. • Se eu não me engano, eles têm uns 10, 11 anos.
7	Algumas partículas modais (interjeições).	<ul style="list-style-type: none"> • A TV é um produto, né? • Ele tá certo, não é?

Figura 1 – Possíveis *Hedges* no PB por Sun (2011)

A figura acima mostra que os *hedges* em PB podem ser expressos de diversas maneiras e por distintas classes gramaticais.

Outros estudos comparativos também merecem atenção. Rezende e Hemais (2004), por exemplo, em seu artigo “Análise comparativa de artigos científicos da área de saúde”, comparam artigos científicos em PB e em inglês escritos por brasileiros e em inglês por nativos, com foco no uso de estratégias de *hedging*. Os resultados deste estudo sugerem que os brasileiros tendem a usar uma maior quantidade e variedade de *hedges* em inglês em comparação a nativos. As autoras afirmam que, em PB, os atenuadores são usados em menor número e menor variedade.

Dias e Silveira (2011) também analisaram o uso de *hedges* em artigos da área da saúde. O estudo foi realizado com textos escritos por autores nas suas respectivas línguas maternas e os resultados mostraram que os marcadores epistêmicos mais utilizados foram os marcadores de atenuação *poder* e de ênfase *demonstrar*.

As pesquisas aqui citadas apresentam estudos comparativos de artigos científicos. Os resultados apresentados, em sua maioria, mostram diferenças no uso de estratégias de *hedging* em diferentes línguas, confirmando o que já foi dito em seções anteriores. O estudo ora proposto pretende, portanto, verificar se as tendências apontadas em estudos prévios podem ser consideradas representativas da língua.

Na próxima seção, trataremos das diferentes categorias lexicais de *hedges* adotadas nesta pesquisa.

1.2.6 CLASSIFICAÇÃO DE *HEDGES*

Dentre as inúmeras classificações de *hedges* existentes na literatura, optamos por classificá-los de acordo com a categoria lexical, de acordo com as taxonomias propostas por Hyland (1998, 2000). Considerando-se que leitores de textos acadêmicos associam mais facilmente itens lexicais com as estratégias de *hedging* (VARTALLA, 1998), optamos por focar nossa busca nos itens lexicais. Essa escolha se justifica na afirmação de Hyland (1994, p. 245) de que quando falantes nativos de inglês usam *hedges*, eles optam, predominantemente, por elementos lexicais. Dessa forma, trabalharemos com as seguintes categorias: verbos modais, verbos lexicais, advérbios e adjetivos. A figura abaixo ilustra a classificação adotada para este estudo:

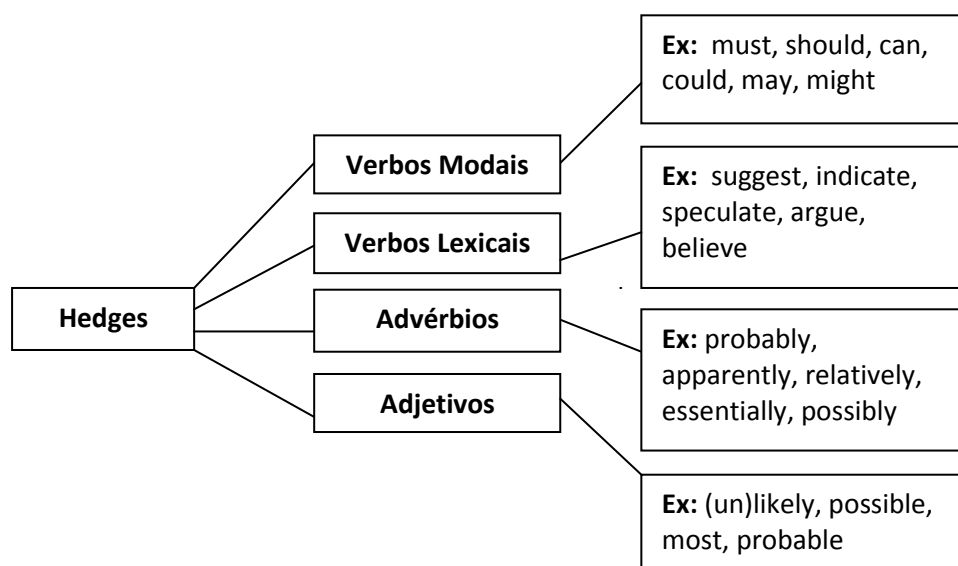


Figura 2 – Classificação de *hedges* adotada para a análise dos *corpora* (Fonte: a autora)

A seguir, abordaremos cada categoria lexical separadamente.

1.2.6.1 VERBOS MODAIS

Os verbos modais, ou auxiliares, compõem a classe de palavras mais associada com o significado epistêmico (VARTALLA, 1999) e, por isso, são amplamente utilizados como *hedges* na escrita acadêmica, visto que essa envolve a modalidade epistêmica, pois o escritor não está totalmente comprometido com a certeza da informação referencial dada (HYLAND, 1994, p. 240).

Esses verbos são, em sua maioria, polissêmicos. Koch (1987), por exemplo, chama a atenção para o alto grau polissêmico do verbo *poder*, sendo ele um dos que apresenta maior número de significados em português. Dentre esses significados, temos o de permissão, o de possibilidade e o de capacidade.

No que diz respeito à modalização, essa pode ser de dois tipos: epistêmica ou deôntica. A modalidade epistêmica diz respeito ao comprometimento do falante com a verdade da proposição. Já a deôntica se relaciona com obrigações e permissões (NEVES, 2006; ILARI; BASSO, 2008). Nesta pesquisa, no entanto, trataremos dos verbos modais epistêmicos.

Em inglês, os verbos modais são: *can, could, will, would, may, might, must, should, shall*, dentre outros. Em PB, temos os verbos *poder* e *dever*. Esses verbos geralmente formam locuções verbais. Vejamos alguns exemplos retirados de estudos prévios sobre *hedges* nas duas línguas em questão:

(1) It **should** be possible to test predictions... (HYLAND, 1994)

Deve ser possível testar previsões...

(2) Você **poderia** fazer uma análise quantitativa. (LOPES-PERNA E SUN, 2011)

Trataremos, a seguir, da classe dos verbos lexicais.

1.2.6.2 VERBOS LEXICAIS

Além dos verbos modais, os verbos lexicais também são amplamente utilizados como *hedges*. Alguns autores (e.g. BROWN, 1992) se referem a eles como “verbos de atos de fala”, visto que são utilizados para realizar atos que envolvem dúvida ou avaliação. De acordo com Hyland (1998):

“Verbos epistêmicos representam os meios mais transparentes de codificar a subjetividade da fonte epistêmica e são, geralmente, utilizados para modular compromisso ou assertividade.” (HYLAND, 1998, p. 119) (Tradução nossa)²¹

²¹ Citação original: “Epistemic verbs represent the most transparent means of coding the subjectivity of the epistemic source and are generally used to hedge either commitment or assertiveness.”

Vartalla (1999) distingue duas categorias de verbos epistêmicos. Na primeira, ele inclui verbos como *claim*, *suggest*, *hypothesize* e *propose*, que são utilizados para reportar proposições. Na segunda, temos verbos como *seem*, *appear* e *tend*, chamados por alguns autores de semi-auxiliares. Vejamos alguns exemplos:

(3) Thus we **propose** that this insert... (HYLAND, 1998)

Assim, nós propomos que esta inserção...

(4) Our findings **suggest** that quantitative techniques... (VARTALLA, 1999)

Nossos achados sugerem que técnicas quantitativas...

Outros exemplos de verbos lexicais com significado epistêmico são: *acreditar*, *indicar*, *supor*, *considerar*, *parecer* e *propor*. O exemplo a seguir mostra o verbo *indicar* em PB:

(5) Nossos resultados **indicam** a importância de se promover a prática de atividades físicas entre populações de maior idade. (DIAS E SILVEIRA, 2011)

Os verbos, no entanto, não são os únicos itens lexicais utilizados como *hedges*. A seguir, falaremos dos advérbios e dos adjetivos com significado epistêmico.

1.2.6.3 ADVÉRBIOS

Além dos verbos modais e lexicais, os advérbios também podem ser utilizados ao modular a linguagem acadêmica. Essa categoria está intimamente relacionada com a dos adjetivos, pois, na maioria das vezes, é possível distinguir um adjetivo de uma forma adverbial. Como exemplo, temos os pares *possível/possivelmente*, *essencial/essencialmente*, *aparente/aparentemente*, dentre outros. Apesar desta relação de proximidade, Hyland (1998), em seu estudo com artigos científicos, aponta para a predominância dos advérbios em relação aos adjetivos no *corpus* analisado por ele. Eles são utilizados, em sua maioria, como adjuntos de probabilidade.

Sintaticamente, os advérbios, tanto em inglês quanto em PB, apresentam mobilidade na estrutura frasal. Entretanto, Hyland (1998) diz que, por exemplo, o uso

do advérbio em posição inicial pode acentuar o valor de *hedge* ao informar o leitor que o que será dito deve ser interpretado como hipotético ou subjetivo.

Vejamos alguns exemplos de advérbios sendo utilizados como *hedges*:

(6) **Perhaps** the most persuasive aspect... (VARTALLA, 1999)

Talvez o aspecto mais persuasivo...

(7) **Provavelmente**, tanto nos períodos epidêmicos como nos interepidêmicos...
(REZENDE E HEMAIS, 2004)

Passaremos, a seguir, para a categoria dos adjetivos.

1.2.6.4 ADJETIVOS

Os adjetivos, diferentemente dos advérbios, não apresentam a característica de plena mobilidade na estrutura frasal. Além disso, a posição destes itens lexicais difere em inglês e em PB. Sabe-se que os adjetivos exercem funções sintáticas relativas aos substantivos. Em inglês os adjetivos vêm sempre antes do substantivo ou depois de verbos de ligação como *be*, *look* ou *feel*.

Já em PB, eles podem vir antes ou depois dos substantivos e esta posição pode afetar pragmaticamente a estrutura. Consideremos o exemplo abaixo:

- Este é meu amigo **velho**. / Este é meu **velho** amigo.

A partir deste exemplo, é possível notar que o adjetivo em posição pré-nominal indica maior subjetividade, enquanto a posição pós-nominal é mais objetiva. Um “velho amigo” refere-se a uma amizade antiga, mas um “amigo velho” é, simplesmente, um amigo idoso.

São exemplos de adjetivos epistêmicos:

(8) In fact, it seems **probable** that there were other important differences...”
(VARTALLA, 1999)

De fato, parece provável que haviam outras diferenças importantes...

(9) Several **possible** factors may be reflected in dental X-rays. (SALAGER-MEYER, 1994)

Vários fatores possíveis podem ser refletidos em raios-X dentais.

Assim, tendo em vista as categorias aqui apresentadas, faz-se necessário um estudo mais aprofundado, sob uma perspectiva contrastiva e pragmática, de possíveis transferências que podem ocorrer quando um falante nativo escreve em uma LA. O aspecto da transferência linguística ou influência translinguística será tratado a seguir.

1.3 INFLUÊNCIA TRANSLINGUÍSTICA

A Influência Translinguística²² (doravante ITL) tem sido o centro da atenção de muitos pesquisadores na área de aquisição de segunda língua (Second Language Acquisition, SLA). O termo foi primeiramente introduzido por Sharwood-Smith (1983) e Kellerman (1984) e se refere às possíveis influências de aspectos relacionados à língua adicional por línguas adquiridas antes da língua-alvo. De acordo com Odlin (1989, p. 27), “transferência é a influência da primeira língua (L1) na segunda (L2), resultando em similaridades e diferenças entre elas”. Mais especificamente, os aprendizes podem reter alguns aspectos de sua primeira língua como forma de auxiliar a lidar com novos desafios (JARVIS E ODLIN 2000, p. 573).

No passado, a questão da língua nativa de um indivíduo ser positiva ou negativa para o aprendizado de uma LA foi muito debatida por pesquisadores e professores. Autores como Jessner (2003) consideram que “o papel que a transferência pode desempenhar na aprendizagem de línguas é amplamente reconhecido junto com os benefícios cognitivos que advêm do contato entre duas ou mais línguas” (JESSNER, 2003 *apud* SUN, 2015, p. 31).

Na escrita, porém, aprendizes de línguas adicionais podem apresentar dificuldades ao organizar seus textos. Geralmente, tais dificuldades são atribuídas a problemas de influência ou transferência linguística. Considerando-se a escrita como um fenômeno cultural, alguns autores sugerem que, uma vez que o indivíduo já apresenta uma escrita permeada por valores culturais em sua primeira língua, essa

²² Neste trabalho utilizaremos os termos Influência Translinguística e Transferência Linguística indistintamente, pois supomos que “algum tipo de influência é essencial para o fenômeno da transferência” (Odlin, 2005, p. 3).

escrita já formada poderia influenciar a escrita em outra língua (CONNOR, 1996; KADAR-FULOP, 1988; KAPLAN, 1966; PURVES, 1988). Estudos como o de Uysal (2012) apontam outros fatores além dos culturais, que podem influenciar nos padrões de argumentação de um determinado indivíduo. Fatores como hábitos de leitura, exposição, nível de proficiência da língua adicional, proximidade tipológica e status de L2 também possuem um importante papel no uso dos padrões argumentativos previamente citados. Além disso, seu estudo confirmou que o contexto cultural afeta não só os aspectos textuais, mas também a pragmática e estruturas argumentativas. Por exemplo, países como Alemanha, Itália, Grécia, França e outros países norte-europeus apresentam um estilo argumentativo mais direto em comparação aos americanos e outras culturas como a coreana, japonesa e chinesa.

Visto que a argumentação e o raciocínio variam entre diferentes culturas, pode-se considerar a transferência linguística como um problema que diz respeito à escrita acadêmica em uma LA. Certos aspectos linguísticos, quando transferidos de uma língua para outra, podem causar problemas de comunicação e, até mesmo, falhas pragmáticas. A teoria da polidez de Brown e Levinson (1987) poderia explicar possíveis falhas no âmbito pragmático. Para os autores (1987:61), sendo a face definida como a imagem pública que cada membro ou sociedade toma para si, a mesma consiste de dois aspectos: face positiva e face negativa. A primeira reconhece o fato de que queremos que os outros mostrem que somos queridos, aceitos e compreendidos. A segunda refere-se àqueles que querem ser independentes, não sendo suas ações impostas por outros. Quando as faces positiva e/ou negativa não são respeitadas temos o ato comunicativo chamado Ato de Ameaça à Face (Face Threatning Act).

Para Myers (1999), por exemplo, o discurso construído na academia envolve a interação entre cientistas cuja manutenção da face é essencial, visto que a constituição desse discurso passa pela construção de alianças e negociações que tendem a buscar aceitação frente à comunidade acadêmica. Portanto, o uso inapropriado de certas estratégias de escrita em uma LA poderia resultar num ato de ameaça à face, o que poderia causar conflitos culturais.

Dessa forma, as transferências linguísticas que podem ocorrer na escrita acadêmica apresentam muitas implicações pedagógicas. Como afirma Uysal (2012):

“Tais conflitos interculturais ou falhas sócio-pragmáticas, especialmente em contextos acadêmicos internacionais, muitas vezes causam desvantagens para falantes não nativos, como, por exemplo,

dificuldades no componente de escrita de testes internacionais de inglês ou dificuldades com publicações em revistas acadêmicas em língua inglesa, que muitas vezes são avaliadas de acordo com critérios de persuasão de falantes nativos.”²³ (UYSAL, 2012) (Tradução nossa)

Partindo-se do pressuposto que as transferências vão seguir a preferência da língua nativa, pode-se dizer que as diferenças culturais, portanto, não devem ser ignoradas no contexto acadêmico instrucional. As aulas de IFA e de PB acadêmico devem dar a devida atenção a este aspecto, de forma a evitar transferências negativas de estruturas da língua materna, que possam vir a causar problemas pragmáticos. O presente trabalho, então, contribui para a área de estudos do texto especializado, assim como para a área dos estudos contrastivos e do ensino de línguas para fins específicos.

No próximo capítulo faremos a descrição da metodologia utilizada nesta pesquisa, assim como das taxonomias adotadas para a classificação dos elementos linguísticos a serem estudados.

²³ Citação original: “Such cross-cultural conflicts or socio-pragmatic failure especially in international academic contexts often cause disadvantages for non-native speakers (NNS) such as having difficulties in the writing component of international tests of English or publishing in English academic journals, which are often evaluated according to English Native Speaker (NS) criteria of persuasiveness.”

2. METODOLOGIA

O capítulo anterior discutiu as principais teorias que servem de base para a compreensão do tema e da metodologia desta pesquisa. Nesta seção, são descritos os *corpora* utilizados neste trabalho, assim como os passos para a sua seleção e a forma como foram compilados. Apresentamos, também, a ferramenta utilizada para o tratamento dos dados e os procedimentos seguidos para a análise.

2.1 A NATUREZA DA PESQUISA

O presente trabalho tem base quali-quantitativa e pretende descrever, caracterizar e explicar a presença de fenômenos linguístico-discursivos. Tais fenômenos consistem no uso de *hedges* por falantes nativos do PB e falantes nativos e não-nativos do inglês em textos extraídos de situações reais de uso da linguagem, a saber, artigos acadêmicos publicados em revistas especializadas disponíveis na web.

Dessa forma, seguiremos os princípios metodológicos da Linguística de *Corpus* (BERBER-SARDINHA, 2004; MCENERY, T. & HARDIE, A. 2012). A escolha de tal abordagem metodológica se justifica por adotar um tratamento da linguagem como um sistema probabilístico investigando fenômenos linguísticos, textuais e discursivos presentes em *corpora*, extraídos e tratados por meio de ferramentas computacionais.

2.2 O CORPUS

2.2.1 SELEÇÃO DO CORPUS

O *corpus* deste estudo é formado por 30 artigos de pesquisa, subdivididos da seguinte forma: 10 artigos em português brasileiro, escritos por falantes nativos da língua, 10 artigos em inglês escritos por brasileiros que possuem conhecimento de inglês como LA e 10 artigos em inglês escritos por falantes nativos norte-americanos.

O quadro a seguir mostra a composição geral do *corpus*, contendo informações sobre a área de abrangência, os nomes dos periódicos, número de artigos, idioma e língua nativa do autor principal dos textos analisados:

ÁREA	PERIÓDICOS	NÚMERO DE ARTIGOS	IDIOMA DO ARTIGO	LÍNGUA NATIVA DO AUTOR PRINCIPAL
Letras: Linguística e Literatura	- Letras de Hoje ²⁴	3	Inglês	Português
		9	Português	Português
	- Revista Virtual de Estudos da Linguagem (ReVEL) ²⁵	7	Inglês	Português
		1	Português	Português
	- Language Sciences ²⁶	6	Inglês	Inglês
	- International Journal of Applied Linguistics ²⁷	4	Inglês	Inglês
		Total: 30		

Tabela 1 – Seleção do *corpus* (Fonte: a autora)

Os artigos de pesquisa foram coletados de revistas especializadas da área de Letras. Esta escolha se justifica pela nossa familiaridade com a área, já que não seria possível, neste momento, uma análise mais extensa envolvendo outras áreas de conhecimento. Pretendemos, no entanto, ampliar o presente trabalho em estudos futuros.

Quanto aos artigos que compõem o *corpus* da pesquisa, os mesmos estão disponíveis online e foram publicados entre os anos de 2007 e 2015. Optamos por esse tipo de texto pela facilidade de acesso, dentre outros fatores previamente mencionados. Os periódicos foram selecionados de acordo com suas classificações no Sistema *Qualis* da CAPES, órgão responsável pela avaliação de atividades e produções do nível de pós-graduação. Os mesmos possuem níveis A1, A2, B1 e B2, de forma a garantir a qualidade da pesquisa e da escrita.

Vale ressaltar ainda que os artigos são de autorias diversas e afiliados a diferentes campos teóricos da Linguística. Quanto aos textos em inglês retirados de revistas brasileiras, de acordo com os propósitos deste trabalho, tomamos cuidado para que os mesmos tivessem autores brasileiros filiados a universidades brasileiras, de forma a garantir a qualidade dos resultados. Já os textos em inglês, retirados de revistas

²⁴ <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale>

²⁵ <http://www.revel.inf.br/pt>

²⁶ <http://www.journals.elsevier.com/language-sciences/>

²⁷ [http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/\(ISSN\)1473-4192](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/(ISSN)1473-4192)

internacionais, foram selecionados de acordo com a L1 dos autores, sendo estes norte-americanos, e filiados a universidades dos Estados Unidos.

Com relação ao tamanho dos artigos, no que diz respeito ao número de páginas, estabelecemos um limite de 20 páginas (não incluindo anexos e referências), com o objetivo de normalizar o tamanho dos *corpora* em termos de número total de palavras, facilitando a análise contrastiva dos mesmos.

2.2.2 COLETA E ARMAZENAMENTO DO *CORPUS*

Primeiramente, acessamos os periódicos de revistas especializadas disponíveis na web para a compilação deste *corpus*. Os artigos de pesquisa selecionados para compor esta pesquisa foram disponibilizados em formato *.pdf*. Os mesmos foram salvos, em seguida, na extensão *.txt*. Vale ressaltar que os textos foram convertidos para o formato *.txt*, com o uso da ferramenta AntFile Converter (ANTHONY, 2015) por ser esse o único tipo de arquivo reconhecido pelo programa AntConc (ANTHONY, 2014), ferramenta computacional de análise linguística utilizada para análise do *corpus* desta pesquisa.

Após a conversão dos arquivos, foi feita uma limpeza manual dos textos, a fim de retirar tudo que não era necessário para a pesquisa, como, por exemplo, quadros, tabelas e gravuras. Os nomes dos autores, suas filiações, títulos, resumos, palavras-chave, notas de rodapé e bibliografias também foram retirados. É importante mencionar que os textos originais em *.pdf* foram mantidos para eventuais consultas.

O próximo passo consistiu na etiquetagem dos textos para o armazenamento nas suas respectivas pastas. De acordo com os princípios metodológicos da Linguística de *Corpus* aqui adotados, tal processo de etiquetagem tem por objetivo preservar a anonimidade dos autores dos artigos que constituem o presente *corpus*, além de auxiliar na organização dos arquivos.

Os artigos que compõem o *corpus* deste trabalho foram agrupados em três grupos, de acordo com o idioma em que foram escritos. Portanto, os mesmos foram armazenados em três pastas, sendo elas: InLA (Inglês como Língua Adicional), InL1 (Inglês como L1) e PB (Português Brasileiro).

A etiquetagem dos textos incluiu as seguintes informações: o idioma e a revista em que o artigo foi publicado. Desse modo, um texto em inglês como LA retirado da revista *Letras de Hoje* teve a seguinte etiqueta: INLH. Já os textos em PB retirados da

revista *ReVEL* tiveram a etiqueta PBRV. Os textos em inglês como L1 retirados da revista *Language Sciences* foram etiquetados como InLS e os textos da revista *International Journal of Applied Linguistics* receberam a etiqueta InIJAL. A seguir, apresentamos a lista de etiquetas utilizadas para o armazenamento do *corpus*:

- a) INLH – Inglês (LA) da revista Letras de Hoje
- b) INRV – Inglês (LA) da revista ReVEL
- c) PBLH – Português Brasileiro da revista Letras de Hoje
- d) PBRV – Português Brasileiro da revista ReVEL
- e) InLS – Inglês (L1) da revista Language Sciences
- f) InIJAL – Inglês (L1) da revista International Journal of Applied Linguistics

No que diz respeito à extensão, os *corpora* utilizados nesta pesquisa somam um total de 155,064 palavras²⁸. A extensão de cada um dos *corpora* pode ser vista no quadro a seguir:

<i>Corpus</i>	Número de palavras	Número de arquivos
CPB	39.673	10
CInLA	41.121	10
CInL1	74.270	10
TOTAL	155.064	30

Tabela 2 – Extensão dos *corpora* (Fonte: a autora)

A seguir, detalharemos os procedimentos adotados para a análise dos dados.

2.2.3 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DOS DADOS

Para tratar os dados deste estudo, utilizamos, segundo os princípios da Linguística de *Corpus* (BERBER-SARDINHA, 2004; MCENERY, T. & HARDIE, A. 2012), a ferramenta computacional de análise linguística AntConc (ANTHONY, 2014).

Primeiramente, geramos uma lista de todas as palavras do *corpus* com a ferramenta disponível no programa, com o objetivo de iniciar o levantamento dos

²⁸ Tokens

dados. Para exemplificar, geramos uma lista das palavras do *corpus* em português. A título de ilustração, mostraremos na figura abaixo a frequência do verbo modal *pode*, flexionado na terceira pessoa do singular. Esse verbo aparece na posição 53 e é o *hedge* com maior número de ocorrências (n=70) na lista geral de palavras.

Word Types: 6063		Word Tokens: 40032	Search Hits: 1
Rank	Freq	Word	Lemma Word Form(s)
46	79	também	
47	78	foi	
48	76	pela	
49	73	sentido	
50	71	sobre	
51	70	já	
52	70	p	
53	70	pode	
54	66	hedges	
55	65	essa	

Figura 3 – Ferramenta *Wordlist* do programa AntConc

A ferramenta *Wordlist* é de extrema relevância para o início da pesquisa, pois é a partir dela que podemos ter uma primeira visão geral do aspecto a ser analisado. No caso do verbo aqui destacado, é possível dizer que ele é o *hedge* mais relevante, pois tem maior número de ocorrências em relação ao número total de palavras do *corpus*. Também é interessante notar que ele se encontra perto de palavras como “sentido” e “sobre”, palavras comuns na escrita acadêmica, especialmente na área das Letras.

Em seguida, utilizamos a ferramenta de análise de concordâncias (*Concordancer Tool*) para mostrar como o termo pesquisado é utilizado no *corpus*, avaliar seus padrões de uso e suas funções. Também utilizamos a ferramenta *Concordance Search Term Plot* para mostrar onde um determinado termo aparece no texto.

A partir da figura 3 podemos notar que o verbo modal *pode* aparece com um total de 70 ocorrências. No entanto, nem todas essas ocorrências servem para os propósitos deste estudo, pois, dependendo do contexto de uso, uma determinada palavra pode não apresentar a função de *hedge*, o que alteraria os resultados da pesquisa.

A título de ilustração, apresentamos na figura a seguir a lista de concordância do verbo mencionado anteriormente. Nota-se que, na linha 14, o verbo modal em questão aparece entre aspas, seguido de outros verbos. Ao consultar o arquivo original (PBLH3), constatamos que o verbo em questão foi usado como um exemplo, portanto,

não deve ser considerado na frequência total, pois não está sendo utilizado no corpo do texto.

Concordance Hits 70		
Hit	KWIC	File
1	as. Uma palavra, por exemplo, pode ser vista como específica	PBLH1.txt
2	programática, o minimalismo pode ser defendido, a questão n	PBLH1.txt
3	a comunicação, a de que ela pode ser perfeita para o mape	PBLH1.txt
4	ectivismo, tal como em Giere, pode-se , então, amenizar o conf	PBLH1.txt
5	a de aquisição da linguagem pode se beneficiar dos pressu	PBLH2.txt
6	como o fenômeno natural que pode ser descrito à luz dessa vis	PBLH2.txt
7	o de aquisição da linguagem pode ser então entendido con	PBLH2.txt
8	onstrução de atividade cognitiva pode ser considerado o resulta	PBLH2.txt
9	nda assim, o input linguístico pode ser reforçado pela visão	PBLH2.txt
10	gnição na visão enatista não pode ser entendida como um	PBLH2.txt
11	os do ambiente, tal influência pode ser traduzida como a de	PBLH2.txt
12	a competência comunicativa pode ser categorizada em quat	PBLH3.txt
13	sei e nem quero saber”, mas pode ser uma preparação para	PBLH3.txt
14	diferentes tempos verbais – “ pode ”, “possa”, “poderia”, “poc	PBLH3.txt

Figura 4 – Ferramenta *Concordancer* do programa AntConc

O próximo passo foi analisar a frequência de ocorrência dos *hedges* selecionados para compor o estudo, para, em seguida, contrastar os valores de frequência nos *corpora* em análise, a fim de verificar possíveis transferências linguísticas. A partir das listas de palavras dos *corpora*, selecionamos manualmente as ocorrências de *hedges*, de acordo com a classificação adotada para a pesquisa. Tomamos cuidado em utilizar a ferramenta *Concordancer Tool* juntamente com o trabalho manual, a fim de garantir que os itens lexicais em questão tinham função de *hedges* no texto.

No próximo capítulo, faremos a descrição dos dados juntamente com a análise de cada um dos *corpora* utilizados nesta pesquisa.

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, analisaremos o uso de *hedges* na produção acadêmica escrita de falantes nativos brasileiros em português e em inglês como língua adicional e, também, na produção de falantes nativos de inglês em sua língua materna, através da comparação das frequências de cada tipo de *hedge* lexical nos três *corpora*, a saber, CInLA (*Corpus* em inglês como LA), CInL1 (*Corpus* em inglês como L1) e CPB (*Corpus* em PB). Logo, como já mencionado anteriormente, a nossa busca teve foco nos verbos modais, verbos lexicais, advérbios e adjetivos utilizados como estratégias de *hedging* na escrita acadêmica.

Os números de ocorrências de *hedges* encontrados em cada um dos *corpora* analisados encontram-se resumidos no quadro a seguir:

<i>Corpus</i>	Número de ocorrências de <i>hedges</i>
CPB	629
CInLA	1.214
CInL1	1.740

Tabela 3 – Número total de ocorrências de *hedges* nos *corpora* CPB, CInLA, CInL1 (Fonte: a autora)

Apresentamos, a seguir, os *hedges* encontrados em cada um dos *corpora*, devidamente classificados de acordo com a taxonomia adotada para a pesquisa. Os números entre parênteses correspondem ao número de ocorrências e aparecem em ordem de frequência.

3.1 O *CORPUS* CPB

Nesta seção, apresentaremos a descrição dos dados encontrados no *corpus* CPB, que consiste em 10 artigos escritos em PB por falantes nativos. A tabela a seguir mostra as ocorrências de *hedges* encontradas, as quais foram compiladas manualmente a partir da ferramenta *Wordlist* do programa AntConc (ANTHONY, 2014).

O quadro a seguir mostra a ocorrência de *hedges* em cada categoria lexical analisada:

Categoria lexical	Número de ocorrências	Frequência
Verbos Modais	217	34,5%
Verbos Lexicais	276	43,9%
Advérbios	67	10,7%
Adjetivos	69	10,9%
TOTAL	629	100%

Tabela 4 – Número de ocorrências por categoria lexical no *corpus* CPB (Fonte: a autora)

Em uma breve análise, a partir dos números de ocorrências de *hedges* apresentados, podemos notar que, em português, há a predominância do uso de verbos como estratégia de *hedging*, sendo estes tanto verbos modais quanto verbos lexicais. Abordaremos cada uma das categorias a seguir, destacando os itens que apresentaram maior frequência em cada uma delas.

- **Verbos modais:**

Em PB, a partir dos resultados encontrados no *corpus* CPB, podemos ver que os verbos modais utilizados como *hedges* são *poder* e *dever*, em diferentes tempos verbais. Das 217 ocorrências de verbos modais, 170 foram do verbo *poder*, totalizando uma frequência de 78,3% em relação ao total. O verbo *dever* apresentou 47 ocorrências, ou seja, 21,7% do total. A seguinte tabela ilustra essas ocorrências:

VERBO	Presente (indicativo)	Presente (subjuntivo)	Pretérito imperfeito (indicativo)	Pretérito perfeito (indicativo)	Pretérito imperfeito (subjuntivo)	Futuro do pretérito	Futuro do presente	Gerúndio	TOTAL
poder	117	15	1	7	6	20	2	2	170
dever	29	-	3	-	-	11	3	1	47

Tabela 5 – Ocorrências de verbos modais no *corpus* CPB (Fonte: a autora)

A tabela acima se encontra dividida de acordo com os tempos verbais. A título de ilustração, apresentaremos exemplos de cada tempo verbal do verbo *poder*. São eles: presente do indicativo (ex: pode, podemos, podem), presente do subjuntivo (ex: possa, possamos, possam), pretérito imperfeito do indicativo (ex: podia, podiam), pretérito perfeito do indicativo (ex: pôde, pudemos, puderam), pretérito imperfeito do subjuntivo

(ex: pudesse, pudéssemos, pudessem), futuro do pretérito (ex: poderia, poderíamos, poderiam), futuro do presente (ex: poderei, poderá, poderemos) e gerúndio (ex: podendo).

Analisaremos, primeiramente, algumas das ocorrências do verbo *poder*. Os verbos modais são, em sua maioria, seguidos de outros verbos, formando locuções verbais. O verbo *poder* é usado seguido de infinitivo para indicar possibilidade de ocorrência. Também pode expressar permissão ou capacidade para algo. Já o verbo *dever* pode indicar probabilidade, obrigação e/ou necessidade (FERREIRA, 1986). Como dito anteriormente, consideraremos, para esta pesquisa, apenas os verbos utilizados em seu significado epistêmico, ou seja, possibilidade, probabilidade e/ou necessidade.

Assim, dentre as 217 ocorrências de verbos modais encontradas neste *corpus*, a mais utilizada foi o verbo modal *poder*, com 170 ocorrências. Desse total, 59 são seguidas do verbo *ser*, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

(1) As relações **podem ser** entre retas... (PBLH8)

(2) A explicação **poderia ser** que, por um lado... (PBLH3)

O verbo *ser* é classificado, em PB, como um verbo de ligação. Estes não indicam uma ação, eles fazem a ligação entre o sujeito e suas características. Visto que o *corpus* aqui analisado é constituído de artigos científicos, o uso do verbo em questão deve ser utilizado com cautela, pois, como já dito (ver seção 1.2), os autores devem ter cuidado ao apresentar proposições potencialmente arriscadas. Assim, o verbo *poder*, juntamente com o verbo *ser*, apresenta o papel de enfraquecer uma afirmação, atribuindo a ela um grau de possibilidade e evitando uma afirmação categórica.

A maioria das ocorrências com o verbo *ser* é seguida do particípio no passado e formam estruturas passivas. Ocorrências deste tipo evidenciam o uso deste tipo de estrutura, como podemos ver no exemplo abaixo:

(3) Uma palavra, por exemplo, **pode ser vista** como específica... (PBLH1)

Observamos, também, que, das 170 ocorrências do verbo modal em questão, oito delas mostram o verbo seguido da partícula apassivadora *-se*. Consideremos os seguintes exemplos:

- (4) Para Matos, **pode-se** verificar a marca de negatividade... (PBLH6)
- (5) **Podem-se** formular, assim, vários tipos de questões que dizem respeito à relação do cientista com a teoria no seu campo de investigação. (PBLH7)

Tais resultados mostram-se relevantes para este estudo, pois a voz passiva também constitui uma estratégia de *hedging*. Ela é um meio muito comum de expressar indiretividade, com o objetivo de remover a referência direta ao locutor e interlocutor e, também, evitar potenciais imposições ou ameaças à face (BROWN & LEVINSON, 1987).

Quanto às demais ocorrências deste verbo modal, não verificamos nenhum padrão quanto aos verbos que o seguem. Vejamos os seguintes exemplos:

- (6) Da mesma forma, aspectos rítmicos da fala **poderiam caracterizar** unicamente a nossa linguagem. (PBLH1)
- (7) ...o uso de verbo auxiliar **pode diminuir** o risco do 'erro' na conjugação... (PBLH3)
- (8) Acredito que essa formulação **poderia explicar** o envolvimento do hemisfério direito nos estudos sobre a compreensão inferencial... (PBLH5)

Os exemplos acima evidenciam, mais uma vez, que o verbo modal em questão aparece, em sua maioria, seguido por um verbo no infinitivo. No entanto, podemos notar diferentes conjugações do verbo modal. É importante ressaltar a relação entre o aspecto lexical e o aspecto semântico do verbo (COMRIE, 1976; KLEIN, 1994). No que diz respeito ao verbo *poder*, no infinitivo ele pode ter valor de capacidade, permissão ou possibilidade. O mesmo verbo no modo subjuntivo (seja ele no presente, pretérito imperfeito ou futuro), por exemplo, indicaria desejo, dúvida ou hipótese. Em sua maioria, *poder* foi utilizado no presente do indicativo (n=117), mas também

encontramos ocorrências no subjuntivo, como *possa* (n=13), *possam* (n=2) e *pudesse* (n=6). Portanto, é possível dizer que certas terminações dão ao verbo uma maior carga de *hedging*.

O segundo verbo modal utilizado neste *corpus* foi *dever*. Esse verbo, quando utilizado como um *hedge*, é empregado com uma carga semântica de probabilidade e/ou necessidade. Foram observadas 47 ocorrências deste verbo em diferentes tempos verbais: presente do indicativo (ex: deve, devemos, devem), pretérito imperfeito do indicativo (ex: devia, devíamos, deviam), futuro do pretérito (ex: deveria, deveríamos, deveriam), futuro do presente (deverá, deveremos, deverão) e gerúndio (ex: devendo). Observamos, também, que, das 47 ocorrências encontradas neste *corpus*, em 20 delas o verbo principal aparece seguido do verbo *ser*, como pode ser visto nos seguintes exemplos:

(9) A análise deles **deve ser** feita a partir do contexto... (PBLH3)

(10) ...tais recursos visuais **devem ser** considerados para uma utilização... (PBRV10)

(11) ...onde a inferência **deveria ser** produzida para julgar... (PBLH5)

Dessa forma, é possível afirmar que os verbos modais, em PB, são mais frequentemente utilizados seguidos do verbo *ser*. Estas ocorrências, em sua maioria, constituem estruturas passivas, as quais, como dito anteriormente, são amplamente utilizadas como estratégias de *hedging*.

No que diz respeito às demais ocorrências, não observamos um padrão no uso dos verbos que seguem o verbo modal. Encontramos ocorrências seguidas de diferentes verbos. Novamente, é importante ressaltar o papel da informação gramatical do verbo para a constituição de um *hedge*. Quanto à carga semântica do verbo modal em questão, é possível notar que, na maioria dos exemplos, ele possui significado de probabilidade, como pode ser visto nos exemplos que seguem:

(12) Isso **deve ter sido** influenciado pelo seu próprio sistema linguístico. (PBLH3)

(13) Como estas palavras não tinham sido usadas na fase de exposição, a reação a elas deveria ser diferente da reação às outras palavras... (PBLH9)

Além dos verbos modais, outros verbos podem ser utilizados como *hedges* na escrita acadêmica. Apontaremos alguns deles e faremos uma análise mais aprofundada dos três que apresentaram maior frequência em relação aos outros.

- **Verbos lexicais:**

Como já mencionado na revisão da literatura deste estudo (ver seção 1.2.6.2), verbos lexicais como *parece*, *sugere*, *indica* e *acredita* (HOLMES, 1988 e SKELTON, 1988) são frequentemente utilizados como *hedges*, pois expressam modalidade epistêmica. Neste *corpus*, podemos destacar os verbos *considerar* (n=57), *parecer* (n=32), *perceber* (n=27), *demonstrar* (n=23), *propor* (n=21), *indicar* (n=19), *afirmar* (n=17), *verificar* (n =13), *sugerir* (n=12), dentre outros, como podemos ver na tabela abaixo:

VERBO	INFINITIVO	PRESENTE	PRETÉRITO	GERÚNDIO	PARTICÍPIO	TOTAL
considerar	7	23	1	4	22	57
parecer	1	29	-	2	-	32
perceber	8	15	2	-	2	27
demonstrar	5	13	4	-	1	23
propor	2	14	3	2	-	21
indicar	2	12	-	2	3	19
afirmar	3	13	-	1	-	17
verificar	9	1	1	1	1	13
sugerir	2	8	1	1	-	12
tender	-	3	6	2	-	11
acreditar	1	9	-	-	-	10
conceber	2	1	-	-	6	9
inferir	3	2	-	-	1	6
evidenciar	4	1	-	-	-	5
argumentar	1	3	-	-	-	4
pressupor	-	2	1	1	-	4
pretender	-	2	-	-	1	3
supor	1	2	-	-	-	3

Tabela 6 - Ocorrências de verbos lexicais no *corpus* CPB (Fonte: a autora)

Como pode ser visto acima, o verbo com maior número de ocorrências foi o verbo *considerar*, em diferentes tempos verbais, com um total de 57 ocorrências. Considerar algo, de acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986), significa

pensar e/ou refletir sobre algo. A partir desta definição, podemos afirmar que o verbo possui significado epistêmico. Observemos os seguintes exemplos:

(14) Pontes **considera** o texto lexicográfico como multimodal... (PBRV10)

(15) Esse autor **considera** que toda a língua está intimamente ligada... (PBLH6)

O verbo *considerar* foi utilizado, em sua maioria, na terceira pessoa, nas formas *considera* (n=14) e *consideram* (n=6). Encontramos apenas três ocorrências de *consideramos*, na primeira pessoa do plural e nenhuma na primeira pessoa do singular. Tais dados nos parecem interessante, pois formas como *considera(m)* em geral são usadas para referir ao pensamento de outros, enquanto *consideramos* mostra o posicionamento do autor.

Além disso, encontramos 21 locuções verbais com as formas verbais *considerado (a)* e *considerados (as)*, as quais indicam o uso da voz passiva, como pode ser visto abaixo:

(16) A língua portuguesa **é considerada** uma língua da moda e do futuro. (PBLH3)

(17) Dessa forma, tais recursos visuais devem **ser considerados** para uma utilização eficaz da obra lexicográfica. (PBRV10)

Como já dito nesta seção, a voz passiva também constitui uma estratégia de *hedging*, através da qual o autor se distancia das proposições apresentadas, diminuindo sua presença no texto.

O segundo verbo com maior número de ocorrências foi o verbo *parecer*, que significa assemelhar-se, dar a impressão de alguma coisa, ou ser provável ou verossímil (FERREIRA, 1986). Esse verbo carrega, dentre outros significados, o de probabilidade, como podemos ver nos exemplos abaixo:

(18) De fato, o PM **parece** deixar de lado todos os fenômenos... (PBLH1)

(19) Esse resultado **parece** indicar, mais uma vez, que... (PBLH4)

A partir da lista dos verbos utilizados como *hedges* neste *corpus*, é interessante ressaltar que encontramos apenas uma ocorrência de verbo na primeira pessoa do singular (*acredito*). As demais ocorrências evidenciam o uso da primeira pessoa do plural e da terceira pessoa do singular e plural. Novamente, podemos dizer que tais resultados são interessantes para este estudo, visto que o *corpus* aqui analisado é composto de artigos acadêmicos e essa aparenta ser uma tendência da linguagem utilizada nesta área, pois parece existir certa resistência no que diz respeito ao uso da primeira pessoa na escrita acadêmica²⁹.

Outro aspecto importante a ser mencionado seria o fato de termos encontrado apenas duas ocorrências de verbos no modo subjuntivo. A partir destes resultados, é possível concluir que os verbos lexicais contam com o valor semântico para expressar sua função de *hedge*, diferentemente dos verbos modais, que, na sua forma epistêmica, são mais facilmente encontrados em locuções verbais ou no modo subjuntivo.

Além de verbos modais e lexicais, encontramos ocorrências de advérbios e adjetivos sendo utilizados como *hedges*. Vejamos estas categorias com maior detalhe.

- **Advérbios:**

Ainda que menos frequentes em comparação a verbos modais e lexicais, os advérbios são usados extensivamente para expressar modalidade em textos acadêmicos (ADAMS SMITH, 1984; SKELTON, 1988b *apud* HYLAND, 1994). Neste *corpus*, foram encontrados advérbios utilizados como *hedges*, como, por exemplo, *principalmente* (n=10), *talvez* (n=10), *necessariamente* (n=9), *normalmente* (n=7), dentre outros. Vejamos o quadro a seguir:

ADVÉRBIOS	Nº DE OCORRÊNCIAS
principalmente	10
talvez	10
necessariamente	9
normalmente	7
relativamente	6
especificamente	5
especialmente	4
particularmente	4
basicamente	3
aproximadamente	3

²⁹ Para um estudo mais detalhado sobre este aspecto, ver a pesquisa de Balocco (2002) sobre identidade no discurso acadêmico.

essencialmente	2
possivelmente	2
praticamente	2
TOTAL	67

Tabela 7 – Ocorrências de advérbios no *corpus* CPB (Fonte: a autora)

Comentaremos, a seguir, os três advérbios que apresentaram maior número de ocorrências.

O advérbio mais utilizado no *corpus* CPB, foi *principalmente*, com 10 ocorrências. Sun (2011) classifica esse advérbio como um *hedge* pressupositivo, pois o locutor propõe uma suposição e raciocínio diante de um fato acontecido, como ilustrado no exemplo (20):

(20) ...trazendo contribuições importantes, principalmente no que se refere às pesquisas... (PBLH5)

O segundo advérbio mais utilizado foi *talvez*, também com 10 ocorrências. Esse advérbio expressa incerteza e/ou possibilidade. Analisemos o seguinte exemplo:

(21) ...que os falantes não estão, talvez, se esforçando na busca da informação precisa... (PBLH3)

Como pode ser visto no exemplo acima, o *hedge talvez* exprime uma ideia de possibilidade, pois o locutor apresenta uma hipótese e, por isso, não faz uma afirmação categórica a respeito do assunto.

O terceiro advérbio com maior número de ocorrências foi *necessariamente* (n=9). Das nove ocorrências, seis estão na forma negativa. O exemplo (23) ilustra tal aspecto:

(22) ...quando a palavra não necessariamente tem sentido de “nós”... (PBLH3)

Esse advérbio, ao ser usado em sua forma negativa, não afirma nem nega uma proposição, fazendo com que o locutor não se comprometa com seu valor de verdade, diferentemente da forma afirmativa.

- **Adjetivos:**

Neste *corpus*, encontramos um total de 69 ocorrências de adjetivos epistêmicos. A tabela a seguir mostra essas ocorrências:

ADJETIVOS	Nº DE OCORRÊNCIAS
possível	18
possíveis	5
necessário	9
necessária	4
necessários	3
necessárias	2
pretendido	3
pretendida	2
proposta	3
proposto	2
propostas	1
significante	3
concebido	2
sugeridos	2
sugerida	1
suposta	2
supostas	1
considerado	1
considerados	1
provável	1
considerável	4
TOTAL	69

Tabela 8 – Ocorrências de adjetivos no *corpus* CPB (Fonte: a autora)

O item com maior número de ocorrências foi *possível*. Encontramos 18 ocorrências desse adjetivo no singular (*possível*) e cinco no plural (*possíveis*), somando um total de 23 ocorrências. Esse adjetivo possui significado epistêmico, de forma similar ao verbo modal *poder*, previamente mencionado, como pode ser visto no exemplo (23):

(23) ...métodos de decisão implicam uma possível confusão entre os processos de leitura... (PBLH4)

O segundo adjetivo mais utilizado foi *necessário* (n=9) e suas variantes *necessária* (n=4), *necessários* (n=3) e *necessárias* (n=2), totalizando 18 ocorrências. Esse adjetivo constitui um *hedge* e caracteriza-se como um intensificador quando utilizado em afirmações. A título de ilustração, apresentamos alguns exemplos:

(24) O reconhecimento das invariâncias é possível e **necessário** por duas razões... (PBLH8)

(25) ...as capacidades perceptuais iniciais do infante permitem capturar a informação **necessária** para o desenvolvimento subsequente destas capacidades... (PBLH8)

Em comparação às outras categorias lexicais aqui analisadas, pode-se dizer que a categoria dos adjetivos foi a menos utilizada como *hedge* neste *corpus*, com uma frequência de 22,3% em relação ao total.

Resumindo, podemos ver que os verbos lexicais (n=251) foram utilizados com maior frequência em comparação aos verbos modais (n=209). Um número considerável de verbos foi utilizado em estruturas passivas, seja acompanhados do verbo *ser* ou da partícula apassivadora *-se*. Também é importante ressaltar que, em PB, o número de conjugações verbais é maior em comparação ao inglês. No que diz respeito aos adjetivos e advérbios, estes totalizaram 132 ocorrências, evidenciando uma menor frequência em relação aos verbos.

Passamos, então, para a descrição do *corpus* CInLA.

3.2 O CORPUS CInLA

Nesta seção, apresentaremos a descrição dos dados encontrados no *corpus* CInLA, composto por 10 artigos escritos em inglês como LA por autores brasileiros, e suas respectivas análises preliminares. A tabela a seguir mostra o total de ocorrências em cada categoria e suas respectivas frequências em relação ao número total:

Categoria lexical	Número de ocorrências	Frequência
Verbos Modais	623	51,3%
Verbos Lexicais	335	27,6%
Advérbios	194	16,0%
Adjetivos	62	5,1%
TOTAL	1.214	100%

Tabela 9 – Número de ocorrências por categoria lexical no *corpus* CInLA (Fonte: a autora)

A tabela acima evidencia, em uma breve análise, a predominância dos verbos como estratégias de *hedging* em inglês, sendo os verbos modais mais frequentes que os lexicais. Os advérbios e adjetivos apareceram com menos frequência, mas, ainda assim, são de interesse para a nossa pesquisa. A seguir, analisaremos cada categoria lexical.

- **Verbos modais:**

Neste *corpus*, encontramos um total de 623 ocorrências de verbos modais, as quais se encontram representadas no quadro a seguir. Os números entre parênteses indicam o número de ocorrências.

VERBO	CAN	WILL	MAY	MIGHT	SHOULD	MUST	OUGHT TO	SHALL
	can (127)	would (76)	may (114)	might (56)	should (56)	must (22)	ought to (3)	shall (1)
	could (55)	will (65)	may not (7)	might not (4)	should not (4)			
	cannot (20)	will not (6)						
	could not (1)	would not (6)						
TOTAL								
623	203	153	121	60	60	22	3	1

Tabela 10 – Ocorrências de verbos modais no *corpus* CInLA (Fonte: a autora)

Como pode ser visto no quadro acima, o verbo modal com maior número de ocorrências é o verbo *can* e suas derivações, com 203 ocorrências, ou seja, 32,6% em relação ao número total de verbos modais. Das 203 ocorrências encontradas, 127 apresentam o verbo no presente (*can*), 55 no passado (*could*), 20 na forma negativa (*cannot*) e apenas uma ocorrência da forma negativa de *could* (*could not*). Vale ressaltar que não encontramos nenhuma ocorrência de *can't*, o que pode ser explicado pelo fato do presente *corpus* ser composto de artigos acadêmicos, portanto, a linguagem utilizada é formal e a contração de *can* e *not* apresentaria um caráter informal, que seria inapropriado neste contexto.

No que diz respeito ao verbo *can*, algumas considerações devem ser feitas. Enquanto alguns linguistas como Perkins (1983) afirmam que esse verbo pode ser usado em expressões de modalidade epistêmica, outros não compartilham da mesma visão (e.g. Coates, 1983). Segundo Hyland (1998), o verbo *can* somente ocorre com significado epistêmico quando utilizado em perguntas ou na forma negativa. No

entanto, nesta pesquisa, incluiremos esse verbo modal na nossa análise para fins comparativos em relação aos outros dois *corpora* aqui descritos, visto que *can* apresenta significado epistêmico de possibilidade de forma similar ao verbo *poder* em PB.

Consideremos, primeiramente, o verbo modal *can*, no presente. De acordo com o dicionário Oxford (2005), *can* pode expressar possibilidade, habilidade, permissividade ou, até mesmo, dúvida. Neste *corpus*, encontramos um total de 127 ocorrências desse verbo sendo utilizado como uma estratégia de *hedging*. Assim, dentre as inúmeras possibilidades de uso do verbo, focamos nos casos em que o mesmo é utilizado com significado epistêmico de possibilidade. Analisaremos, a seguir, alguns exemplos:

(26) ...the present investigation can contribute to pronunciation instruction and teaching... (INLH2)

...a presente investigação pode contribuir para a instrução de pronúncia e o ensino...

O exemplo (26) mostra *can* sendo utilizado com uma carga semântica de possibilidade. Mais especificamente, o autor não afirma que sua investigação contribui para algo, e sim que ela tem a possibilidade de contribuir. Assim, o modal está enfraquecendo a proposição apresentada, o que o qualifica como uma estratégia de *hedging*.

Como dito anteriormente, o modal *can* possui mais de uma carga semântica. Dessa forma, nem todas as ocorrências deste verbo serão utilizadas nesta pesquisa. Consideremos o seguinte exemplo:

(27) From the moment that they can put two words together... (INLH3)

A partir do momento em que elas conseguem juntar duas palavras...

Neste exemplo, o verbo *can* está sendo utilizado no sentido de “ter ou não a habilidade de fazer alguma coisa”, o que não caracteriza uma estratégia de *hedging*. Sendo assim, as outras ocorrências deste tipo também não serão consideradas na nossa análise.

Ainda a respeito do verbo **can**, encontramos 61 co-ocorrências com o verbo **be**. Em sua maioria, essas ocorrências aparecem seguidas de verbos no particípio, indicando o uso da voz passiva. Consideremos alguns exemplos:

(28) These steps **can be** followed in the next three derivations. (INRV9)

Estes passos podem ser seguidos nas próximas três derivações.

(29) ...the above statement **can be** considered to be true for interlanguages as well.

(INLH8)

...a afirmação acima pode ser considerada também verdadeira para as interlínguas.

A seguir, temos o verbo **could**, forma de **can** no passado, com um total de 55 ocorrências. Esse verbo, de acordo com Hyland (1998), assemelha-se a **may** e **might** ao expressar possibilidade. Das 55 ocorrências, 24 são seguidas do verbo **be** e apenas uma aparece seguida de **not**. Os exemplos a seguir ilustram algumas dessas ocorrências:

(30) Such changes **could be** obtained through the contextualized instruction...

(INLH2)

Tais mudanças poderiam ser obtidas pela instrução contextualizada...

(31) One of the ways to solve this serious lack of contextualized material and/or meaningful classroom activities in teaching pronunciation **could be** the proper use of contextualized instruction in phonetic English classes.

(INLH2)

Uma das maneiras de resolver esta séria falta de materiais contextualizados e/ou atividades de sala de aula significativas ao ensinar pronúncia poderia ser o uso apropriado de instrução contextualizada nas salas de aula de fonética do inglês.

Os exemplos acima ilustram as ocorrências de **could** seguidas por **be**, que representam um número alto se considerarmos o número total. Encontramos apenas uma ocorrência de **could not**. A mesma aparece em uma construção de condicional, a

qual, diferentemente da forma *cannot*, parece atenuar o valor de impossibilidade deste item. Consideremos o contexto em que o termo em questão foi utilizado:

(32) ...if he used imprecise reference it was because he **could not** use precise references... (INRV1)

...se ele usou uma referência imprecisa, foi porque ele não pôde usar uma referência precisa...

Encontramos também, neste *corpus*, um total de 20 ocorrências do item *cannot*, das quais nove aparecem seguidas pelo verbo *be*. Apresentamos, a seguir, alguns exemplos:

(33) ...another imprecise reference that **cannot be** verified by his readers. (INRV1)

...outra referência imprecisa que não pode ser verificada pelos seus leitores.

(34) ...because the interpretation of her as a full NP is not adequate and the rest of the sentence **cannot be** parsed. (INRV9)

...porque a interpretação dela como um NP completo não é adequada e o resto da sentença não pode ser analisado.

Os exemplos acima mostram que o verbo *can*, na forma negativa *cannot*, pode apresentar uma carga semântica de impossibilidade. No entanto, diferentemente da forma afirmativa, esse termo parece intensificar a proposição apresentada.

O segundo verbo modal com maior número de ocorrências foi *will* (n=65) e suas derivações *will not* (n=6), *would* (n=76) e *would not* (n=6), totalizando 153 ocorrências. Novamente não encontramos as formas contraídas *won't* e *wouldn't*, por tratar-se de textos acadêmicos, e, portanto, textos de linguagem formal.

Observamos 76 ocorrências do verbo modal *would*. Coates (1983) distingue diferentes significados para o verbo *would*, sendo eles de hipótese ou de previsibilidade.

Das 76 ocorrências, 37 são seguidas do verbo *be*. Apresentamos a seguir alguns exemplos:

(35) This relates to the question of what **would be** more efficient. (INRV5)

Isso se relaciona com a questão do que seria mais eficiente.

- (36) Therefore, there **would be** morphological processing inside the word...
(INRV5)

Portanto, haveria processamento morfológico dentro da palavra...

Os exemplos 5 e 6 ilustram o significado de hipoteticidade do modal **would**. Já o exemplo seguinte mostra o verbo **would** expressando uma previsão sobre um evento do passado:

- (37) ...it was hypothesized that palatalization **would be** more frequent when the consonant is preceded by a high than by a non-high vowel. (INLH8)

...foi hipotetizado que a palatalização seria mais frequente quando a consoante fosse precedida por uma vogal alta.

Além disso, das 37 ocorrências com o verbo **be**, sete formam uma estrutura passiva.

Quanto ao uso do verbo modal **will** (n=65) e sua forma negativa **will not** (n=6), algumas considerações são necessárias. Hyland (1998) discute se o uso desse verbo seria apropriado para apresentar proposições no meio acadêmico. Consideraremos para a nossa análise o sentido de previsibilidade desse modal e não somente sua função como marca de futuro, pois é esta ideia de previsão que dá ao verbo o seu sentido epistêmico. O exemplo a seguir ilustra este aspecto:

- (38) ... the more likely it is that they **will** get their hearers' attention. (INRV1)

...o mais provável é que elas vão chamar a atenção de seus ouvintes.

Das 65 ocorrências do modal **will**, 21 são seguidas do verbo **be**. Consideremos dois exemplos:

- (39) ... pronunciation should be seen as a means through which students **will be** able to improve the expression of their communicative content... (INLH2)

...a pronúncia deve ser vista como um meio pelo qual os estudantes serão capazes de melhorar a expressão de seu conteúdo comunicativo...

(40) Comprehension **will be** more effortful for beginning and intermediate students... (INLH4)

A compreensão será mais custosa para estudantes iniciantes e intermediários...

Os exemplos (38), (39) e (40) mostram que **will**, quando utilizado em seu sentido epistêmico, é utilizado para fazer afirmações e/ou previsões mais fortes, em comparação a outros modais como **may** ou **can**.

Ainda sobre estas ocorrências com o verbo **be**, 10 delas formam estruturas passivas, sendo, portanto, seguidas de um verbo no particípio, como pode ser visto no exemplo abaixo:

(41) It **will be argued** that RT is able to explain how interpreters recover implicit or explicit propositional content and illocutionary force. (INRV1)

Será argumentado que a TR é capaz de explicar como intérpretes recuperam conteúdo proposicional implícito ou explícito e a força ilocucionária.

No exemplo acima, podemos ver que o autor se refere ao que será feito no futuro, mas retira sua presença, o que caracteriza uma estrutura de *hedging*.

O terceiro verbo modal com maior número de ocorrências foi **may**, com um total de 121 ocorrências, das quais apenas sete são seguidas de **not**. É interessante chamar a atenção para as semelhanças dos modais **may** e **might**. Ambos podem ser empregados indistintamente ao expressar possibilidade. No entanto, os números aqui encontrados evidenciam que **may** (n=121) foi utilizado com o dobro de frequência em comparação a **might** (n=60). Alguns autores afirmam que **might** é a forma mais remota de **may** (Perkins, 1983; Palmer, 1990 *apud* Hyland, 1998) e, portanto, apresentariam distinções de uso, o que poderia explicar a diferença no número de ocorrências.

Os dados mostram que das 121 ocorrências do verbo modal **may**, 55 aparecem seguidas do verbo **be**, sendo três na forma negativa (**may not be**) e 31 seguidas de um verbo no particípio formando a voz passiva. Vejamos alguns exemplos:

(42) Palatalization **may be** predicted by native language dialect... (INLH8)

A palatalização pode ser prevista por dialetos de línguas nativas...

(43) Although they **may be** interpreted as errors, they actually consist of E1 representations. (INLH3)

Embora possam ser interpretados como erros, eles realmente consistem em representações E1.

Outra co-ocorrência com o verbo **be** deve ser mencionada. Foi encontrada uma ocorrência com a construção **may well be**. Tal construção apresenta significado epistêmico e, de acordo com Hyland (1998), parece reduzir o grau de qualificação e expressa maior confiança na proposição apresentada, o que pode ser visto no seguinte exemplo:

(44) ... such conclusion **may well be** wrong. (INRV1)

... tal conclusão pode muito bem estar errada.

Ainda neste *corpus*, encontramos 60 ocorrências do modal **should**, sendo apenas quatro delas na forma negativa **should not**. O dicionário Oxford (2005) nos dá mais de 10 possíveis significados para este verbo, como: dizer o que é certo ou apropriado, dar ou pedir um conselho, fazer referência a um possível evento ou situação, dentre outros. Hyland (1998, p. 113) nos diz que **should**, no seu valor epistêmico, “se refere ao futuro e, conseqüentemente, tem um significado mais especulativo que **would**”. Vejamos alguns exemplos:

(45) Pedagogically speaking, teachers **should** prepare learners with vocabulary and grammar for them to understand the meaning of the texts they read... (INLH4)

Pedagogicamente falando, os professores devem preparar os aprendizes com vocabulário e gramática para que eles entendam os significados dos textos que eles leem...

No exemplo acima, o modal **should** está sendo utilizado para falar de algo que deveria ser apropriado, de acordo com a opinião do autor.

Assim como com os outros verbos modais aqui apresentados, encontramos 29 co-ocorrências com o verbo **be**. Deste número, 22 formam estruturas passivas. Apresentamos, a seguir, alguns exemplos:

(46) Another topic that could be discussed here is the use of imprecise reference, which **should be avoided** in a journalistic text. (INRV1)

Outro tópico que poderia ser discutido aqui seria o uso de referências imprecisas, as quais deveriam ser evitadas em um texto jornalístico.

(47) It **should be said** again that a title should never mention something that is not covered in the text. (INRV1)

Novamente deve ser dito que o título nunca deve mencionar algo que não é coberto no texto.

Como já explicitado na seção 3.1, as estruturas passivas aqui encontradas constituem uma importante estratégia de *hedging*. É interessante ressaltar que essas estruturas são amplamente utilizadas juntamente com os verbos modais.

Quanto ao verbo modal *must*, encontramos apenas 22 ocorrências dele neste *corpus*. A respeito desse verbo, podemos dizer que ele expressa sentido de certeza sobre afirmações, como pode ser visto no exemplo a seguir:

(48) ...the translator **must** bear in mind that the aim of the translation ought to be the correct legal effect...

...o tradutor deve ter em mente que o objetivo da tradução deve ser o efeito jurídico correto...

Considerando o número relativamente pequeno de ocorrências encontradas, Hyland (1998) afirma que, o fato de *must* não ser tão frequente na escrita acadêmica poderia sugerir certa relutância dos autores em expressar suas convicções, mesmo que elas sejam fracas, em um ambiente em que, muitas vezes, há a necessidade de deduções a partir de fatos conhecidos. Além disso, o verbo modal em questão é utilizado com outros *hedges* mais explícitos, como pôde ser observado nesta pesquisa.

Além dos verbos modais, outros verbos são utilizados como *hedges*. Vejamos alguns deles com mais detalhes.

- **Verbos lexicais:**

Neste *corpus*, encontramos 335 ocorrências de verbos lexicais sendo utilizados como *hedges*. O quadro mostra os verbos encontrados e o número de ocorrências de acordo com a flexão verbal:

VERBO (infinitivo)	PRESENTE (1ª e 2ª p.)	PRESENTE (3ª p.)	PRESENTE CONTÍNUO	PASSADO	PARTICÍPIO	FUTURO	TOTAL
to consider	7	4	10	4	25	1	51
to seem	14	28	-	2	-	-	44
to indicate	11	8	6	3	2	-	30
to tend	18	3	-	-	-	1	22
to suggest	10	9	-	1	1	-	21
to argue	4	10	3	-	3	-	20
to claim	2	8	1	6	2	-	19
to verify	11	1	2	-	3	-	17
to assume	3	4	3	2	3	-	15
to believe	9	2	-	1	1	-	13
to propose	2	-	-	10	1	-	13
to predict	5	1	-	3	2	-	11
to attempt	1	2	1	3	-	1	8
to demonstrate	5	1	-	-	2	-	8
to think	5	1	-	-	2	-	8
to intend	3	1	-	1	3	-	8
to infer	5	-	-	-	-	-	5
to perceive	2	-	-	-	3	-	5
to imply	1	2	1	-	-	-	4
to appear	2	2	-	-	-	-	4
to hypothesize	-	-	-	2	1	-	3
to conceive	1	-	-	-	1	-	2
to feel	2	-	-	-	-	-	2
to speculate	-	-	-	-	2	-	2

Tabela 11 – Ocorrências de verbos lexicais no *corpus* CInLA (Fonte: a autora)

Como podemos ver, o verbo lexical com maior número de ocorrências foi *to consider*, com 51 ocorrências no total. De acordo com o dicionário Oxford Advanced Learner's Dictionary (2005), *to consider* (considerar) significa pensar sobre alguma coisa cuidadosamente com o objetivo de tomar uma decisão. A partir desta definição podemos dizer que esse verbo possui significado epistêmico e pode ser utilizado como uma estratégia de *hedging*, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

(49) Although Miranda **considers** this suffix a productive one in Portuguese...
(INLH3)

Ainda que Miranda considere esse sufixo produtivo em português...

(50) There are a number of reasons why the presence of the writer may be **considered** undesirable in formal academic writing. (INRV10)

Existem muitas razões para que a presença do autor possa ser considerada indesejada na escrita acadêmica formal.

Algumas co-ocorrências devem ser mencionadas. Das 30 ocorrências do item lexical **considered**, 25 são no particípio, quatro são precedidas de **may be** e três de **can be**. Também encontramos co-ocorrências com **could be** (n=1), **would be** (n=1) e **will be** (n=1). Além disso, é importante ressaltar, novamente, o uso da estrutura passiva nessas ocorrências.

O segundo verbo mais utilizado foi **to seem**, com 44 ocorrências. Esse verbo possui uma carga semântica de incerteza, sendo assim usado para atenuar uma proposição, como pode ser visto no seguinte exemplo:

(51) The sentence analyzed **seems** to reinforce this idea. (INRV1)

A frase analisada parece reforçar essa ideia.

Das 44 ocorrências de **to seem**, 39 são seguidas de **to** e outro verbo, sendo 19 o verbo **be**. Também encontramos sete ocorrências de **it seems**, expressão que, de acordo com o dicionário Oxford Advanced Learner's Dictionary (2005), é utilizada para sugerir que algo é verdade quando não se tem certeza sobre o que se sugere. Vejamos um exemplo:

(52) It seems, however, that Rohter repeats some words he used in the title, like 'concern', and 'national' or 'Brazilian', so as to create the idea of cohesion. (INRV1)

Parece, no entanto, que Rohter repete algumas palavras que ele usou no título, como 'preocupação' e 'nacional' ou 'brasileiro', de modo a criar a ideia de coesão.

Além de verbos modais e lexicais, encontramos ocorrências de advérbios e adjetivos sendo utilizados como *hedges*. A seguir, apresentaremos os itens com maior frequência neste *corpus*.

- **Advérbios:**

Neste *corpus*, encontramos 194 ocorrências de advérbios sendo utilizados como estratégias de *hedging*. Vejamos a tabela a seguir:

ADVÉRBIOS	Nº DE OCORRÊNCIAS
most	51
least	20
especially	18
likely	6
often	11
actually	9
usually	9
necessarily	7
almost	6
perhaps	5
around	5
possibly	5
quite	5
generally	4
normally	4
particularly	4
slightly	4
roughly	3
approximately	3
maybe	3
partially	3
apparently	2
mostly	2
probably	2
relatively	2
supposedly	1
TOTAL	194

Tabela 12 – Ocorrências de advérbios no *corpus* CInLA (Fonte: a autora)

O advérbio com maior número de ocorrências foi *most* (n=51). *Most* também pode ser um determinante ou um pronome. Para esta análise, no entanto, selecionamos apenas as ocorrências nas quais este item lexical é utilizado como um advérbio. *Most* constitui um advérbio quando utilizado antes de um adjetivo ou outro advérbio, com um verbo ou depois de *the*. Vejamos alguns exemplos:

- (53) A communicator, then, knowing that it is a human cognitive tendency to pay attention to what seems to be most relevant in a piece of information... (INRV1)
Um comunicador, então, sabendo que prestar atenção ao que parece ser mais relevante na informação é uma tendência cognitiva humana...

(54) *Can* is considered to be one of the 680 **most** frequent words in the English language. (INRV7)

Can é considerada uma das 680 palavras mais frequentes na língua inglesa.

Das 69 ocorrências no total, em 51 o advérbio em questão aparece seguido de um adjetivo ou de outro advérbio, como pode ser visto nos exemplos acima. Também encontramos 20 ocorrências de *least*. *Most* e *least* são as formas superlativas de *much*, *many* e *little*. Além disso, são formas de evitar o uso de *all* e *none*, formas lógicas que se referem a tudo ou nada. Dessa forma, elas constituem estratégias de *hedging*, pois apresentam função atenuadora.

Quanto à *least*, este totalizou 20 ocorrências, das quais oito formam a expressão *at least*. Esta expressão significa “não menos que alguma coisa”, “em qualquer caso” ou “no mínimo” e pode apresentar significado epistêmico. Encontramos, também outros advérbios epistêmicos: *especially* (n=18), *often* (n=11), *actually* (n=9), dentre outros.

- **Adjetivos:**

Encontramos um total de 62 adjetivos sendo utilizados como *hedges*. Os mesmos encontram-se organizados na tabela abaixo:

ADJETIVOS	Nº DE OCORRÊNCIAS
possible	29
necessary	16
likely	6
imprecise	9
considerable	2
TOTAL	62

Tabela 13 – Ocorrências de adjetivos no corpus CInLA (Fonte: a autora)

O adjetivo mais utilizado foi *possible*, com 29 ocorrências. Esse adjetivo é similar a *can* e *may* e suas noções de disposição ou habilidade (HYLAND, 1998). Vejamos os seguintes exemplos:

(55) It is important for teachers and material designers to be attentive to **possible** errors that may appear during the process of learning. (INLH8)

É importante que professores e designers de materiais estejam atentos a possíveis erros que podem aparecer durante o processo de aprendizagem.

(56) From this definition, it is **possible** to highlight two main elements that compose the crime of burglary... (INRV6)

A partir desta definição, é possível ressaltar dois elementos principais que compõe o crime de invasão...

Em uma breve análise, é possível notar que os adjetivos foram utilizados com muito menos frequência que os advérbios. Além de *possible*, encontramos ocorrências de *likely* (n=12), *imprecise* (n=9) e *considerable* (n=2).

Resumindo, neste *corpus*, encontramos uma maior frequência de verbos sendo utilizados como *hedges*. Os verbos modais foram utilizados com o dobro de frequência em comparação aos verbos lexicais. No que diz respeito aos adjetivos e advérbios, podemos ver que, ainda que em menor número, não há muita diferença de frequência em comparação aos verbos lexicais.

A seguir, trataremos do *corpus* CInL1.

3.3 O CORPUS CInL1

A seguir, apresentamos as ocorrências de *hedges* na produção acadêmica de falantes de inglês como L1. Este *corpus* será utilizado como referência na análise comparativa do próximo capítulo. O quadro a seguir mostra o total de ocorrências em cada categoria e suas respectivas frequências em relação ao número total:

Categoria lexical	Número de ocorrências	Frequência
Verbos Modais	824	47,4%
Verbos Lexicais	500	28,7%
Advérbios	329	18,9%
Adjetivos	87	5,0%
TOTAL	1.740	100%

Tabela 14 – Número de ocorrências por categoria lexical no *corpus* CInL1 (Fonte: a autora)

A seguir, apresentaremos a descrição de cada uma das categorias.

- **Os verbos modais:**

Neste *corpus*, encontramos 824 ocorrências de verbos modais sendo utilizados como *hedges*, os quais estão representados na tabela a seguir. Os números entre parênteses correspondem ao número de ocorrências.

VERBO	CAN	WILL	MAY	SHOULD	MIGHT	MUST	OUGHT TO	SHALL
	can (220)	will (120)	may (137)	should (58)	might (55)	must (55)	-	shall (2)
	cannot (38)	would (70)	may not (10)	should not (8)	might not (1)			
	could (39)	will not (8)						
	could not (2)	would not (3)						
TOTAL								
824	297	201	147	66	56	55	-	2

Tabela 15 – Ocorrências de verbos modais no *corpus* CInL1 (Fonte: a autora)

O verbo modal com o maior número de ocorrências foi o verbo *can* e suas derivações, com 297 ocorrências, ou seja, 36% do número total de modais. Das 297 ocorrências encontradas neste *corpus*, 220 são do verbo no presente (*can*), 38 na forma negativa (*cannot*), 39 no passado (*could*) e duas na forma negativa (*could not*). Assim como no *corpus* CInLA, não encontramos ocorrências das formas contraídas *can't* e *couldn't*, por motivos já mencionados (ver seção 3.2).

Consideremos, primeiramente, o verbo modal *can* e suas derivações. Como dito anteriormente, esse verbo pode apresentar mais de um significado, mas, para esta análise, focaremos no seu significado epistêmico, ou seja, selecionamos as ocorrências nas quais o verbo em questão aparece com uma carga semântica de possibilidade e/ou dúvida. Vejamos o seguinte exemplo, no qual é possível notarmos uma carga semântica de possibilidade:

(57) Linguists, for instance, can still engage in traditional analyses of systematic language patterns... (InLS1)

Os linguistas, por exemplo, podem ainda envolver-se em análises tradicionais de padrões de linguagem sistemáticos...

Do total de 220 ocorrências do verbo *can*, encontramos 96 co-ocorrências com o verbo *be*, das quais 79 formam estruturas passivas, como podemos ver no exemplo a seguir:

(58) Much more **can be** said about Messick's model. (InIJAL9)

Muito mais pode ser dito sobre o modelo de Messick.

Quanto à forma negativa desse verbo, encontramos 38 ocorrências da mesma. Destas, 20 co-ocorrem com *be* seguidas de um verbo no particípio. Consideremos alguns exemplos:

(59) The Rhythm Rule **cannot** apply in this context. (InLS6)

A Regra do Ritmo não pode ser aplicada neste contexto.

(60) Consequently, the appropriateness of these methods, along with their inferential characteristics, **cannot be** explicitly studied. (InLS2)

Consequentemente, a adequação desses métodos, juntamente com as suas características de inferenciais, não pode ser explicitamente estudada.

Os exemplos acima mostram como a forma negativa de *can* parece ser mais forte que a forma afirmativa. O sentido de impossibilidade de *cannot* evidencia que esse *hedge* é utilizado como um intensificador.

Encontramos, também, 39 ocorrências de *could*, passado de *can*, das quais 12 são seguidas de *be*. Destas, seis formam estruturas passivas sendo seguidas por um verbo no particípio. Como já dito na análise do *corpus* CInLA, este verbo modal também apresenta carga semântica de possibilidade, assemelhando-se a *may* e *might* (HYLAND, 1998). Vejamos alguns exemplos:

(61) If, by contrast, autistic children are inattentive to imperatives, it **could be** a significant delaying factor. (InLS5)

Se, pelo contrário, crianças autistas são inatentas a imperativos, isso poderia ser um fator significante de atraso.

(62) This broad principle could be called a “Leading Idea” that cannot be fully implemented until we see how far it applies. (InLS5)

Este princípio geral poderia ser chamado de "Ideia Principal" que não pode ser totalmente implementada até que vejamos até onde ela se aplica.

Quanto à forma negativa de **could**, encontramos apenas duas ocorrências da mesma, as quais não serão consideradas nesta análise.

O segundo verbo modal mais utilizado neste corpus foi **will** (n=120) e suas derivações: **will not** (n=8), **would** (n=70) e **would not** (n=3). Novamente, não encontramos ocorrências das formas contraídas **won't** e **wouldn't**.

Encontramos, neste *corpus*, 120 ocorrências de **will**. Como já foi dito, consideraremos para a nossa análise o sentido epistêmico de previsibilidade deste verbo modal. O verbo em questão aparece seguido de **be** em 21 ocorrências, das quais 13 formam uma estrutura na voz passiva, com a adição de um verbo no particípio. O exemplo a seguir mostra esse tipo de estrutura:

(63) The basic ideas just sketched **will be revisited** later in Section 6. (InLS2)

As ideias básicas aqui esboçadas serão revisitadas mais tarde na Seção 6.

Outras co-ocorrências também devem ser mencionadas. Foram encontradas 22 co-ocorrências com o pronome **we** e 14 com o pronome **I**. Tais resultados mostram-se interessantes para a nossa pesquisa quando comparados aos outros dois *corpora*.

Já o passado de **will**, **would**, foi utilizado com menos frequência. Como já mencionado, **would** pode ser utilizado para falar de um possível evento no passado que não aconteceu, ou seja, eventos hipotéticos. Encontramos 70 ocorrências desse modal, das quais 16 são seguidas de **be**. Vejamos o seguinte exemplo:

(64) It **would be** undesirable to have two homophonous, synonymous nouns for each of these cases... (InLS4)

Seria indesejável que houvesse dois substantivos sinônimos e homófonos para cada um destes casos...

O terceiro modal com maior número de ocorrências neste corpus foi **may** (n=137). Novamente, chamamos a atenção para a semelhança de **may** e **might** (n=56).

No entanto, assim como no corpus CInLA, *may* foi utilizado com maior frequência, por motivos já mencionados (ver seção 3.2). O mesmo apresenta carga semântica de possibilidade. Vejamos alguns exemplos de ocorrências desse modal:

(65) Mediation **may** include leading questions, hints, prompts, feedback, and examples. (InIJAL9)

A mediação pode incluir questões principais, sugestões, solicitações, feedback, e exemplos.

Os dados mostram que, do total de ocorrências, 51 são co-ocorrências desse modal com o verbo *be* e 31 formam estruturas passivas, como podemos ver no exemplo abaixo:

(66) Several kinds of such situations **may be distinguished**... (InLS3)

Vários tipos dessas situações podem ser distinguidos...

Ainda a respeito dos resultados encontrados neste corpus, outro modal que merece atenção é *should* (n=66), cujo significado epistêmico abordamos na seção 3.2. Assim como no CInLA, encontramos 29 co-ocorrências com *be*. Destas, 17 formam estruturas passivas. Vejamos um exemplo:

(67) Rather, there are a great many characteristics of a data set and the inferential tasks set to them that **should be made** as explicit as possible.

Em vez disso, existe um grande número de características de um conjunto de dados e das tarefas inferenciais dadas a eles que deveriam ser feitas quanto mais explícitas possíveis.

Quanto aos outros verbos modais, também encontramos ocorrências de *must* (n=55), que, assim como no corpus de LA, aparece com menos frequência em relação ao número total (ver seção 3.2). Apresentamos, a seguir, um exemplo dessas ocorrências:

(68) However, once segmented, the child **must** attempt to build syntactic structure.

No entanto, uma vez segmentada, a criança deve tentar construir a estrutura sintática.

No exemplo acima, o verbo modal foi utilizado com carga semântica de necessidade.

A seguir, falaremos da categoria dos verbos lexicais que, neste *corpus*, foram utilizados em menor número em comparação aos modais.

- **Verbos lexicais:**

A tabela a seguir apresenta as ocorrências de verbos lexicais utilizados como estratégias de *hedging* no presente *corpus*. Os mesmos encontram-se classificados de acordo com a conjugação verbal.

VERBO (infinitivo)	PRESENTE	PRESENTE (3ª p.)	PRESENTE CONTÍNUO	PASSADO	PARTÍCIPIO	FUTURO	TOTAL
to suggest	25	34	5	5	5	-	74
to consider	35	4	4	6	9	2	60
to argue	26	6	3	8	7	3	53
to indicate	11	14	3	12	1	-	51
to appear	18	17	-	3	1	1	40
to demonstrate	11	9	4	3	6	-	33
to assume	14	2	6	3	6	-	31
to propose	9	7	-	7	7	-	30
to seem	14	11	-	1	-	-	26
to think	15	2	2	2	-	-	21
to intend	-	1	-	5	7	-	13
to tend	8	1	-	-	1	-	10
to claim	3	2	1	2	2	-	10
to predict	3	3	-	-	4	-	10
to attempt	2	3	2	2	-	-	9
to imply	1	5	-	-	1	-	7
to believe	4	-	-	-	1	-	5
to suppose	3	-	-	-	2	-	5
to infer	3	-	1	-	-	-	4
to speculate	2	-	1	-	-	-	3
to hypothesize	1	1	-	-	1	-	3
to verify	1	-	-	-	1	-	2
to feel	1	-	-	-	-	-	1

Tabela 16 – Ocorrências de verbos lexicais no *corpus* CInL1 (Fonte: a autora)

Como podemos ver no quadro acima, o verbo lexical mais utilizado como estratégia de *hedging* foi o verbo *to suggest*, com um total de 74 ocorrências. De acordo

com o dicionário Oxford Advanced Learner's Dictionary (2005), *to suggest* significa apresentar uma ideia ou um plano a outras pessoas para que elas pensem a respeito. Hyland (1998) chama a atenção para a natureza especulativa deste verbo. O exemplo a seguir ilustra o significado epistêmico do verbo em questão:

(69) All this research only **suggests** that people make use of conceptual metaphors at some point during verbal metaphor interpretation... (InLS1)

Toda esta investigação sugere apenas que as pessoas fazem uso de metáforas conceituais em algum momento durante a interpretação da metáfora verbal...

Como pode ser visto no exemplo acima, este verbo foi utilizado com mais frequência na terceira pessoa. Encontramos apenas quatro ocorrências de *I suggest* e duas de *we suggest*.

O segundo verbo com maior número de ocorrências foi *to consider* (n=60). Vejamos alguns exemplos:

(70) To explore this matter, it is helpful to **consider** current trends in test validation. (InIJAL9)

Para explorar esta questão, é útil considerar as tendências atuais em validação de teste.

Do total de 60 ocorrências deste verbo, a maioria se encontra no tempo presente, mas também encontramos evidências do uso da voz passiva, estrutura que, como já mencionado, é bastante relevante para o estudo de *hedges*. Tal estrutura pode ser vista no exemplo abaixo:

(71) In his playback session, Jacob indicated that Taku, the L2 user of English, **was considered** to be a highly proficient programmer, especially for an electrical engineer. (InIJAL10)

Na sua sessão de reprodução, Jacob indicou que Taku, usuário de inglês como L2, foi considerado um programador altamente proficiente, especialmente para um engenheiro elétrico.

Também notamos a predominância do uso deste verbo na terceira pessoa, pois encontramos apenas três ocorrências de *I consider* e duas de *we consider*.

Vejam, a seguir, as ocorrências de advérbios encontradas neste *corpus*.

- **Advérbios:**

Encontramos, neste *corpus*, 329 ocorrências de advérbios. A seguir, comentaremos aqueles que obtiveram maior número de ocorrências. O quadro a seguir mostra as ocorrências encontradas:

ADVÉRBIOS	Nº DE OCORRÊNCIAS
often	59
most	49
least	27
particularly	20
perhaps	20
generally	19
almost	15
especially	14
actually	13
nearly	11
necessarily	11
normally	11
usually	10
likely	9
relatively	9
carefully	6
possibly	5
presumably	4
roughly	4
slightly	4
essentially	3
considerably	3
probably	3
TOTAL	329

Tabela 17 – Ocorrências de advérbios e adjetivos no corpus CInL1 (Fonte: a autora)

O advérbio utilizado com maior frequência foi *often*, com um total de 59 ocorrências. Esse advérbio significa frequentemente e/ou muitas vezes, e pode ser utilizado como um *hedge*, pois não se refere a um número específico de vezes, fazendo com que o autor não se comprometa com a informação dada. Vejam alguns exemplos que ilustram o uso deste item lexical:

(72) Given that people **often** have different goals or tasks during metaphor understanding... (InLS1)

Dado que as pessoas, muitas vezes, têm diferentes objetivos ou tarefas durante a compreensão da metáfora...

Em segundo lugar, temos os advérbios *most* (n=49) e *least* (n=27). Como dito anteriormente, *most* constitui um advérbio quando utilizado antes de um adjetivo ou outro advérbio, com um verbo ou precedido do artigo *the*. O exemplo a seguir mostra uma ocorrência deste item lexical:

(73) The second issue concerns the **most** widely discussed philosophical issue about linguistic theories... (InLS2)

A segunda questão diz respeito à questão filosófica mais amplamente discutida sobre teorias linguísticas...

No que diz respeito ao item *least*, das 27 ocorrências no total, 20 são precedidas de *at*. Mostramos abaixo um exemplo dessas ocorrências:

(74) In reply, **at least** three points can be made. (InLS2)

Em resposta, pelo menos três pontos podem ser feitos.

(75) Finally, many ‘statistical’ techniques are themselves fully algebraic, or can **at least** be interpreted without using random variables. (InLS2)

Finalmente, muitas técnicas ‘estatísticas’ são completamente algébricas, ou podem pelo menos ser interpretadas sem o uso de variáveis aleatórias.

Esta expressão, como já dito na seção anterior, significa “não menos que alguma coisa”, “em qualquer caso” ou “no mínimo”, como pode ser visto nos exemplos acima. Além disso, em (66) e (67), podemos ver que ela aparece no mesmo contexto que um modal, o que acentua o seu significado epistêmico.

- **Adjetivos:**

Encontramos um total de 87 ocorrências de adjetivos epistêmicos neste *corpus*.
Vejam a tabela abaixo:

ADJETIVOS	Nº DE OCORRÊNCIAS
possible	41
potential	16
necessary	15
likely	9
hypothesized	4
assumed	1
proposed	1
TOTAL	87

Tabela 18 – Ocorrências de adjetivos no corpus CInL1 (Fonte: a autora)

O adjetivo com maior número de ocorrências foi *possible*, com um total de 41 ocorrências. Como já dito na seção 3.2 deste capítulo, esse adjetivo assemelha-se a *can* e *may* no que diz respeito às noções de disposição e/ou habilidade. Consideremos alguns exemplos:

(76) This is illustrated in (22) with one **possible** implementation of adjectival modification. (InLS6)

Isto é ilustrado em (22) com uma possível implementação de modificação adjectival.

No próximo capítulo, faremos uma discussão comparativa dos dados aqui descritos.

4. DISCUSSÃO COMPARATIVA DOS DADOS

Neste capítulo, analisaremos o uso de *hedges* nas produções escritas de brasileiros (em PB e em inglês) e de falantes nativos de inglês, através da comparação das frequências de cada categoria de *hedge* nos *corpora* CPB, CInLA e CInL1. Primeiramente, faremos uma comparação geral dos três *corpora*. Em seguida, analisaremos o uso de *hedges* por falantes de PB na sua língua materna e na LA, utilizando o *corpus* CInL1 como referência, com o objetivo de apontar possíveis transferências de um idioma para o outro.

A tabela abaixo apresenta algumas informações básicas referentes aos três *corpora* aqui analisados.

CORPUS	TOTAL DE PALAVRAS	TOTAL DE OCORRÊNCIAS DE HEDGES	TOTAL DE OCORRÊNCIAS DE HEDGES POR CATEGORIA LEXICAL	
CPB	39.673	629	V. M. ³⁰	217
			V. L. ³¹	276
			Adv. ³²	67
			Adj. ³³	69
CInLA	41.121	1.214	V. M.	623
			V. L.	335
			Adv.	194
			Adj.	62
CInL1	74.270	1.740	V. M.	824
			V. L.	500
			Adv.	329
			Adj.	87

Tabela 19 – Número de palavras, ocorrências de *hedges* e total de ocorrências em cada categoria lexical nos três *corpora* (Fonte: a autora)

Outro dado importante é a frequência de aplicação de *hedges* em cada *corpus*. Tais números são obtidos dividindo-se o número total de *hedges* pelo número total de palavras. As frequências podem ser vistas no quadro abaixo:

³⁰ Verbos modais

³¹ Verbos lexicais

³² Advérbios

³³ Adjetivos

<i>CORPUS</i>	FREQUÊNCIA DO USO DE <i>HEDGES</i>
CPB	1,58%
CInLA	2,95%
CInL1	2,34%

Tabela 20 – Frequência do uso de *hedges* em cada *corpus* (Fonte: a autora)

Como podemos ver, os artigos em PB apresentaram uma menor frequência de uso de *hedges* em comparação aos textos em inglês. O *corpus* com maior frequência foi o CInLA, indicando que os brasileiros utilizaram mais modalizadores ao escrever na LA. A diferença entre o uso de *hedges* na língua materna e na LA é notável. A frequência é um pouco maior em relação ao *corpus* em inglês como L1, mas essa diferença não é tão grande. Tais resultados parecem sugerir que os falantes nativos de português possuem alto nível de proficiência e, por isso, seguem padrões similares aos encontrados no inglês nativo no que diz respeito ao uso de estratégias de *hedging*.

As frequências de uso de *hedges* também parecem comprovar, de acordo com estudos apresentados no capítulo 2 (e.g. Clyne, 1991; Rezende e Hemais, 2004), que os falantes não nativos de inglês fazem maior uso de estratégias de *hedging* do que os nativos. Uma possível explicação para isso seria que artigos escritos na língua inglesa teriam como alvo um público mais amplo, o que poderia resultar em uma maior modalização do discurso por parte dos autores, visto que diferentes comunidades discursivas podem apresentar diferentes padrões retóricos e critérios de avaliação.

A partir dos dados aqui apresentados, faremos uma comparação geral dos três *corpora* no que diz respeito aos diferentes tipos de itens lexicais utilizados como *hedges*.

4.1 COMPARAÇÃO GERAL DO USO DE *HEDGES* NOS *CORPORA* CPB, CInLA E CInL1

No processo de análise, foi possível perceber alguns aspectos marcantes referentes às produções de falantes brasileiros e norte-americanos. A seguir, abordaremos cada categoria lexical no que diz respeito às semelhanças e/ou diferenças entre os três *corpora*.

A respeito dos verbos modais, alguns aspectos entre os dois idiomas devem ser apontados. Como dito anteriormente, o PB possui dois verbos modais com significado epistêmico: *poder* e *dever*. Já em inglês, há uma maior variedade de modais, o que poderia explicar a diferença em termos quantitativos, pois o fato do PB ter apenas dois pode limitar o seu uso de forma a evitar a repetição dos mesmos verbos. Além disso, muitos deles possuem o mesmo significado, podendo ser utilizados indistintamente. Por exemplo, *can*, *may* e *might* podem expressar o mesmo significado epistêmico de *poder* no indicativo; já *could* corresponderia ao futuro do pretérito. Da mesma forma, *should* e *must* possuem o mesmo valor do verbo *dever*. Quanto a *will* e *would*, os mesmos correspondem a estruturas no futuro e no subjuntivo.

O *corpus* CPB foi o único no qual houve uma predominância dos verbos lexicais em relação aos modais. Já nos *corpora* CInLA e CInL1, os verbos modais correspondem a aproximadamente metade do número total de *hedges* utilizados. Nos três *corpora*, os verbos mais utilizados foram *poder* e *can*, em diferentes conjugações. É importante ressaltar, novamente, que o PB permite um maior número de conjugações verbais em comparação ao inglês. Quanto ao verbo *dever* e seus correspondentes em inglês, *should* e *must*, os mesmos foram utilizados com menor frequência com relação ao número total nos três *corpora*.

Quanto aos verbos lexicais, *considerar* foi utilizado com maior frequência nos *corpora* CPB e CInLA. Já no *corpus* CInL1, o verbo com maior número de ocorrências foi *sugerir*. Outros verbos comuns aos três *corpora* foram *parecer* e *indicar*.

Outros verbos também merecem a nossa atenção no que diz respeito às traduções entre as duas línguas. O verbo *parecer* é amplamente traduzido como *seem*, em inglês, e ambos apresentam significado epistêmico semelhante. No entanto, encontramos evidências do verbo *appear*, que, em algumas estruturas como *it appears*, expressa o mesmo significado de *parecer* e *seem*. Dessa forma, nos parece necessário fazer a distinção entre os verbos *parecer* e *aparecer* em PB. Enquanto o primeiro apresenta significado epistêmico, o mesmo não pode ser dito a respeito do segundo. Assim, pode-se concluir que os *corpora* em inglês tiveram mais ocorrências desse tipo em relação ao *corpus* em PB.

Encontramos, também, algumas ocorrências de verbos sendo utilizados extensivamente nos *corpora* em inglês, mas não no *corpus* em PB. Um exemplo seria os verbos *argumentar/argue*, que somaram 73 ocorrências em inglês e apenas quatro em PB. Tais dados nos sugerem apenas que as duas línguas possuem características

diferentes no que diz respeito ao uso de verbos e a organização retórica da escrita acadêmica.

No que diz respeito à categoria dos advérbios e adjetivos, de um modo geral, ela apareceu com menos frequência nos *corpora* analisados. Encontramos, também, advérbios de frequência como *often*, *usually* e *generally*, que aparecem com bastante frequência em inglês, enquanto em PB, *frequentemente*, teve apenas uma ocorrência. Outro dado interessante seria o fato de os brasileiros utilizarem advérbios e adjetivos com frequências aproximadas em português, mas em inglês a diferença é maior. Os autores brasileiros utilizaram mais advérbios do que adjetivos em inglês, de forma semelhante aos nativos. Estes resultados também parecem sugerir diferenças na organização retórica das duas línguas.

4.2 SOBRE A TRANSFERÊNCIA DE *HEDGES* ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL

Nesta seção, faremos a comparação das produções de falantes nativos de PB e falantes nativos e não-nativos de inglês, comentando algumas diferenças e/ou semelhanças que se destacam como possíveis transferências.

A partir da análise das ocorrências encontradas, algumas considerações devem ser feitas a respeito de alguns verbos. Consideremos, primeiramente, o verbo *considerar*. Nos dois *corpora* produzidos por falantes brasileiros, *considerar* foi utilizado, em sua maioria, na voz passiva, diferentemente do corpus CInL1, no qual o verbo em questão foi mais utilizado na voz ativa. Vejamos exemplos destas ocorrências:

- (1) ...o meio sócio-histórico passa a **ser considerado** como parte integrante do processo de aquisição de uma língua. (PBLH6)
- (2) ...language **is considered** to be something special... (INLH2)
...a linguagem é considerada algo especial...
- (3) ...and the failure of some linguists and psycholinguists **to consider** alternative theoretical explanations of their empirical results. (InLS1)
...e a falha de alguns linguistas e psicolinguistas ao considerar explicações teóricas alternativas de seus resultados empíricos.

Estes resultados vão ao encontro de estudos como o de Molsing e Perna (2014), que afirmam que os nativos de PB preferem estruturas passivas analíticas e sintéticas, ao invés de expressões explícitas.

Assim, no que diz respeito ao uso da voz passiva, é possível dizer, de um modo geral, que esta estrutura foi utilizada com mais frequência pelos brasileiros em comparação aos nativos de inglês. Hinkel (1996) sugere que falantes não nativos podem usar estruturas passivas com maior frequência para expressar algumas construções discursivas que parecem não existir em inglês. De acordo com nossos resultados, podemos dizer que existem diferenças retóricas no uso da voz passiva em PB e em inglês, pois os brasileiros parecem ter preferência por este tipo de estrutura como estratégia de modalização de seus textos. Dessa forma, a partir das frequências calculadas, pode-se dizer que ocorreu algum tipo de transferência linguística.

Consideremos outro verbo lexical com valor epistêmico. O verbo *verificar* foi utilizado nos *corpora* CPB e CInLA, com um número aproximado de ocorrências. No entanto, encontramos apenas duas ocorrências de *verify* no *corpus* de inglês nativo. Além disso, em ambos os *corpora*, ele aparece, em sua maioria, no infinitivo. É interessante ressaltar a diferença de significados de alguns verbos lexicais aparentemente similares nas duas línguas. *Verificar* e *verify* não possuem o mesmo significado. Consideremos os exemplos a seguir:

(4) Foi possível **verificar** quais crianças geraram sinais condizentes com padrões de atenção, ou seja, sinal forte para estímulos novos e sinal fraco para estímulos velhos. (PBLH9)

(5) We can **verify** evidence of E1, E2 and E3 levels in all grades. (INLH3)

Nós podemos observar evidência dos níveis E1, E2 e E3 em todas as séries.

(6) ...online data [...] are needed **to verify** claims about the psychology of conceptual metaphors. (InLS1)

...dados online são necessários para verificar as alegações a respeito da psicologia de metáforas conceituais.

É possível notar que, em PB, o verbo *verificar* pode ser usado com carga semântica similar ao verbo *observar*. Já em inglês, *verify* significa checar ou demonstrar

a veracidade de algo. Assim, a partir dos resultados aqui analisados, podemos notar que em inglês há preferência por verbos como *investigate* e *observe*, ao invés de *verify*, o que pode ser corroborado pela baixa frequência de uso do mesmo. Assim, traduções diretas desse tipo poderiam causar certo estranhamento no texto.

Outro verbo que apresentou diferença entre os *corpora* escritos por brasileiros e o *corpus* de referência foi o verbo *acreditar*. No CInL1, encontramos um número pequeno de ocorrências de *believe* em comparação aos outros dois *corpora*. Em compensação, em inglês, encontramos 29 ocorrências do verbo *think*. Os verbos *think* e *believe* são semelhantes, pois ambos podem apresentar carga semântica de “ter uma opinião sobre algo” (Oxford Advanced Learner’s Dictionary, 2005). Em PB, *think* pode ser traduzido como *pensar*, *achar* ou *acreditar*. No entanto, no CPB, foram encontradas apenas duas ocorrências de *pensar* e uma de *achar*.

A partir das diferenças de uso apresentadas, seria possível dizer que na língua inglesa há a preferência pelo verbo *think* em comparação a *believe*, enquanto em PB a preferência é pelo verbo *acreditar*. Dessa forma, o fato de termos encontrado um número aproximado de ocorrências do verbo *believe* nos *corpora* escritos por falantes brasileiros pode indicar que temos outro caso de transferência, possivelmente proveniente de uma tradução direta, visto que o *corpus* de referência apresenta tendências diferentes de uso.

No que diz respeito às diferenças de uso dos verbos aqui mencionados, pode-se dizer que a aprendizagem de vocabulário para fins acadêmicos deve incluir a “re-aprendizagem” de alguns verbos aparentemente comuns, mas que apresentam significados distintos entre as línguas, principalmente no âmbito da escrita acadêmica. Tais diferenças podem ser muito sutis, mas, ainda assim, são perceptíveis para o falante nativo. O uso desses verbos reflete a competência pragmática do usuário e, portanto, deve ser levado em consideração na área de ensino e aprendizagem de LA, com o objetivo de evitar possíveis falhas pragmáticas que possam vir a comprometer o pesquisador.

Quanto à categoria dos adjetivos, dois deles nos chamaram a atenção. *Potencial* (*potential*) teve 16 ocorrências no CInL1. No entanto, encontramos apenas duas ocorrências no CPB e nenhuma no CInLA. Outro adjetivo também apresentou diferenças de uso. *Considerável* (*considerable*) teve quatro ocorrências no CPB e duas no CInLA, mas não encontramos nenhuma ocorrência no *corpus* de referência.

O fato de termos encontrado poucas evidências de transferência no que diz respeito às categorias de adjetivos e advérbios parece indicar que os não-nativos conseguiram adquirir a competência pragmática em relação ao significado e à distribuição desses itens, o que sugere que possuem facilidade na aquisição avançada dessa categoria lexical em comparação aos verbos.

De modo geral, é possível concluir que as transferências aqui apontadas ocorrem, em sua maioria, com os verbos lexicais no que diz respeito às diferenças semânticas que resultam de traduções diretas e de diferentes tendências de uso na escrita acadêmica em línguas distintas. Também podemos afirmar que as poucas evidências de influência da língua materna indicam um alto nível de proficiência dos autores, o que já era esperado devido às características que foram consideradas na seleção do *corpus* desta pesquisa, como, por exemplo, o gênero artigo científico e a classificação dos periódicos no Sistema *Qualis* da CAPES.

A partir dos resultados aqui apresentados, faz-se necessário ressaltar o papel da instrução em relação ao uso das estratégias de *hedging*. Como afirma Vartalla (1999), “estudos anteriores sobre *hedging* no discurso científico têm sido, muitas vezes, motivados pelas implicações que a análise dessas estruturas pode ter para o ensino de escrita acadêmica para nativos e não nativos de inglês”³⁴. Autores de textos científicos devem estar cientes da necessidade de modular suas proposições. Salager-Meyer (1994) chama a atenção para o fato de falantes não nativos darem o mesmo peso a fatos observados e interpretações. Dessa forma, o estudo de determinados verbos com significado epistêmico é de extrema importância para a área de ensino e aprendizagem de linguagem acadêmica. O foco no ambiente instrucional, portanto, deve ser dado não somente ao reconhecimento dos *hedges* em ambas as línguas analisadas, mas também às implicações de seus usos em uma perspectiva translíngua cultural, levando-se em consideração diferentes tendências de uso e suas consequências pragmáticas.

³⁴ Citação original: “Earlier studies on hedging in scientific discourse have often been motivated by the implications that the analysis of hedges might have for teaching academic writing to both native and non-native speakers of English”.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo, sob uma perspectiva contrastiva, descrever as estratégias de *hedging* em artigos científicos escritos por brasileiros em PB e em inglês e as possíveis transferências linguísticas da L1 para a LA, utilizando um *corpus* de referência composto por artigos escritos por falantes nativos norte-americanos. Para tal, baseamos nossa pesquisa nas listas de *hedges* propostas por Hyland (1998, 2000), dando, assim, preferência aos itens lexicais, classificados em verbos modais, verbos lexicais, advérbios e adjetivos. Após um estudo teórico sobre a escrita acadêmica e uma breve explicação a respeito do gênero artigo científico, apresentamos as definições de *hedges*, assim como seus usos e funções no texto acadêmico tanto por falantes nativos quanto por falantes não nativos. Em um segundo momento, apresentamos a metodologia adotada para esta pesquisa e prosseguimos para a descrição e análise dos dados.

Os dados foram obtidos manualmente, a partir da ferramenta *Wordlist* do programa *AntConc* (ANTHONY, 2014). É importante ressaltar que, por tratar-se de um estudo com um *corpus* relativamente pequeno, não podemos afirmar que o mesmo possui grande representatividade. No entanto, em termos comparativos, foi possível descrever as duas línguas de forma a cumprir com os propósitos da pesquisa. Dessa forma, a partir da análise dos dados e da comparação entre os *corpora*, podemos tecer alguns comentários a respeito do uso de *hedges* e das implicações pedagógicas deste estudo.

Os resultados aqui encontrados sugerem que há diferenças no uso de estratégias de *hedging* entre as línguas analisadas. Tais diferenças se manifestaram de forma mais acentuada em determinadas categorias lexicais. No que diz respeito à categoria de verbos, encontramos diferenças no uso de alguns deles, que, se traduzidos diretamente, podem causar estranhamento devido à diferença de significados e às tendências de uso no texto acadêmico.

É importante ressaltar, também, a relação entre o nível de proficiência dos autores e as transferências encontradas. Notamos, apesar do alto nível de proficiência, algumas transferências, principalmente no que diz respeito ao uso da voz passiva e ao significado de alguns verbos lexicais. No entanto, é possível afirmar que, quanto maior a proficiência do autor, menos transferências serão cometidas, sendo elas, como podemos ver neste trabalho, sutis e pontuais.

Considerando que os *hedges* são essenciais na escrita acadêmica ao permitir que os autores manipulem seus textos com o objetivo de serem aceitos por uma comunidade discursiva, é de extrema importância enfatizar o papel destas estratégias no ensino e aprendizagem para fins acadêmicos, principalmente no que diz respeito às áreas de inglês e português brasileiro, foco deste trabalho. Visto que a língua é permeada pelos aspectos culturais do falante, ela pode apresentar aspectos que evidenciam algumas transferências da L1 para a LA. Essas transferências podem, ocasionalmente, resultar em falhas pragmáticas que podem comprometer a aceitação de um indivíduo em uma determinada comunidade discursiva, pois esta envolve mais que a mera apresentação de proposições.

No que diz respeito à questão da aceitação perante uma determinada comunidade discursiva, faz-se de extrema importância retomar o aspecto da polidez. O uso apropriado dos *hedges* contribui para a manutenção da face e, além disso, reflete um alto nível de eficiência na escrita ao mostrar que o autor possui a habilidade de expressar diferentes graus de certeza.

Portanto, compreender o uso dos *hedges* na escrita acadêmica, seja na primeira língua ou em uma LA, significa ter consciência das consequências do seu uso inapropriado em termos pragmáticos. O conhecimento das tendências de usos destas estratégias em diferentes línguas não deve ser negligenciado, pois ele reflete a competência linguística e pragmática do autor de textos científicos. Este trabalho, então, contribui para a área dos estudos especializados e para a área de ensino e aprendizagem de PB e inglês para fins acadêmicos, pois ressalta, no ambiente instrucional, a necessidade da elaboração de atividades que tenham como foco não só o reconhecimento das estratégias de *hedging* em ambas as línguas analisadas, mas também as implicações de seus usos em uma perspectiva translinguística cultural, levando-se em consideração diferentes tendências de uso e suas consequências pragmáticas na área acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. Processo de mesclagem em anguladores no português do Brasil. In: *Veredas - revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, v. 3, n.1, jan./jun. 1999, p. 129-142.
- ANTHONY, L. (2014) AntConc (Version 3.4.3) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University. Disponível em <http://www.laurenceanthony.net/>
- _____. (2015). AntFileConverter (Version 1.2.0) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University. Disponível em <http://www.laurenceanthony.net/>
- ARAÚJO, M. S. de. **Escrita acadêmica e avaliação: o uso de reforços e atenuadores em artigos científicos publicados em inglês por pesquisadores brasileiros**. Tese de doutorado. UFMG: Belo Horizonte, 2009.
- BALLOCO, A. E. Identity academic discourse: constructing an insider's ethos in prose about literature. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n. 40, p. 17-2, 2002.
- BHATIA, V. Applied genre analysis and ESP. In: T. MILLER (ed) *Functional approaches to written text: classroom applications*. USIA, 1997.
- BENNET, K. Academic discourse in Portugal: A whole different ballgame? In: *Journal of English for Academic Purposes* v. 9, 2010, p. 21-32.
- BERBER-SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus*. SP: Manole, 2004.
- BLOOR, M. Course design: Identifying components of a language syllabus. A problem for designers of courses in ESP or communication studies (*ELT Documents*, Vol. 117, pp. 15-24). Oxford: Pergamon Press and The British Council, 1984.
- BROWN, P. E LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BUTLER, C. S. 1990 Qualifications in science: Modal meanings in scientific texts. In: W. Nash (ed.), *The writing scholar: Studies in academic discourse*. (pp. 137 – 170). Newbury Park, Ca: Sage.
- CADMAN, K. 1997. Thesis writing for international students: a question of identity? In: *English for Specific Purposes*. 16/1: 3–14.
- CARVALHO, Ednusia Pinto de. *Marcas de atenuação retórica: um estudo contrastivo*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2011.
- CLYNE, M. The sociocultural dimension: The dilemma of the German speaking scholar. In: H. Schroder (Ed.), **Subject-oriented texts. Languages for special purposes and text theory** (p. 49-68). Berlin: de Gruyter, 1991.
- COATES, J. *The semantics of the modal auxiliaries*. Beckenham: Croon Helm, 1983.

- COMRIE, Bernard. *Aspect*. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1976. 156p.
- CONNOR, U. *Contrastive Rhetoric: Cross-cultural aspects of second language writing*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- CROMPTON, P. Hedging in academic writing: Some theoretical problems. *In: English for Specific Purposes*, v. 16, n. 4, p. 271–287, 1997.
- DIAS, F. G. R.; SILVEIRA, M. I. M. Modalizadores epistêmicos em artigos científicos da área da saúde. *In: SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 14/2, p. 441-455, dez. 2011.
- DICIONÁRIO Oxford Advanced Learner's Dictionary. Oxford University Press. Oxford. 2005.
- FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FIGUEIREDO-SILVA, M. I. R. de. Teaching academic reading: some initial findings from a session on hedging. Texto apresentado para conferência no Departamento de Lingüística Aplicada e Teórica da Universidade de Edinburgh. 2001.
- FRASER, B. *Hedged Performatives*. *In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (eds.) Syntax and Semantics*. 3: Speech Acts. New York: Academic Press, p. 187-210, 1975.
- _____. **Conversational Mitigation**. *In: Journal of Pragmatics*. V. 4, p. 341-350, 1980.
- GALTUNG, J. Deductive thinking and political practice: An essay of the teutonic intellectual style. *In: J. Galtung (Ed.), Papers on methodology, Essays on methodology (Vol. II)*. Copenhagen, 1979.
- HANANIA, E. AKHTAR, K. (1985). Verb form and rhetorical function in science writing: A study of MS theses in biology, chemistry and physics . *ESP Journal*, 4, 49-58.
- HINKEL, E. (1997). Indirectness in L1 and L2 academic writing. *Journal of Pragmatics*, 27/3, 360-386.
- HYLAND, K. Hedging in academic writing and EAP textbooks. *In: English for Specific Purposes*. Volume 13, Issue 3, p. 239-256, 1994.
- _____. The author in the text: hedging scientific writing. *In: Hong Kong papers in linguistics and language teaching*. V. 18, p.33-42, 1995.
- _____. Persuasion and context: the pragmatics of academic metadiscourse. *In: Journal of curriculum studies*. Vol. 30, p. 437-455, 1998.
- _____. Hedging in scientific research articles. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 1998.

_____. *Disciplinary discourses: social interactions in academic writing*. London: Longman/Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2000/2004.

_____. Authority and invisibility: authorial identity in academic writing. *Journal of Pragmatics*, 34. pp. 1091-1112, 2002.

_____. *English for Academic Purposes: An advanced resource book*: New York: Routledge, 2006.

ILARI, R.; BASSO, R.M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M.H.M. (Orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. v. II. *Classes de Palavras e Processos de Construção*. Campinas: Unicamp, 2008. p. 163-365.

JARVIS, S; ODLIN, T. Morphological type, spatial reference, and language transfer. *In: Studies in Second Language Acquisition*. Vol. 22, p. 535-556, 2000.

JUDD, Elliot L.; TAN, Lihua; WALBERG, Herbert J. **Teaching additional languages**. Educational practices series: 6. Publ: 2001; 27 p.

KADAR-FULOP, J. Culture, writing, and curriculum. *In: A. Purves (ed) Writing across Languages and Cultures: Issues in contrastive rhetoric* (p. 25-50). Newbury Park, CA: Sage Publications, 1988.

KALTENBÖCK, G.; MIHATSCH, W.; SCHNEIDER, S. “Introdução”. In: KALTENBÖCK, G; MIHATSCH, W e SCHNEIDER, S. (eds.) **New Approaches to Hedging**. (Studies in Pragmatics, v. 9). Amsterdam: Elsevier, p. 1-13, 2010.

KAPLAN, R. B. 1966. Cultural thought patterns in intercultural education. *In: Language Learning*, 16: 1-20.

KILLINGSWORTH, M. J.; GILBERTSON, M. K. Signs, genres and communities in technical communication. Amityville, NY: Baywood Publishing Company, 1992.

KLEIN, Wolfgang. *Time in language*. London: Routledge, 1994. 200p.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 2ed. São Paulo: Cortez, 1987.

KROLL, B. Considerations for teaching an ESL/EFL writing course. *In: CELCEMURCIA, M. (Ed.). Teaching English as second or foreign language*. 3rd ed. Cambridge: Cambridge, p. 219-232, 2001.

LAKOFF, G. *Hedges: A Study In Meaning Criteria And The Logic Of Fuzzy Concepts*. *In: Journal of philosophical Logic* 2. 1973, p. 458-508.

LACKSTROM, J. E., SEINKER, L., & TRIMBLE, L. Grammar and technical English. *In: English Teaching Forum*. 10(5), 3-14, 1972.

LEA, M.; B. STREET. Writing as academic literacies: understanding textual practices in higher education. *In: C. N. Candlin; K. Hyland (eds.) Writing: texts, processes, and practices*. Harlow: Longman, 1999.

LOPES-PERNA, C. e SUN, Y. Aquisição de português como língua adicional (PLA): o uso de hedges em português por falantes nativos de mandarim. *Letras de Hoje*, 46(3), 2011, pp. 59-70.

MARKKANEN, R., & SCHRODER, H. Hedging and its linguistic realizations in German, English and Finnish philosophical texts: A case study. Vaasa, Finland, 1988a.

MARKKANEN, R., & SCHRODER, H. Hedging as a translation problem in scientific texts. *In: C. Lauren & M. Nordman (Eds.), Special language: From human thinking to thinking machines. Multilingual matters* (pp. 171-180). Clevedon, 1988b.

MCENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus Linguistics: Method, theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

MILLER, C. R. Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre. *In: FREEDMAN, A. & MEDWAY, P. (Org.) Genre and new rhetoric*. London: Taylor & Francis, 1994, p. 67-78.

MOLSING & PERNA. The Pronominal Use of -SE in Brazilian Portuguese Academic Writing. Unpublished Manuscript, 2014.

MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Redação acadêmica: princípios básicos*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Imprensa Universitária, 2002.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. . *Produção textual na universidade*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MYERS, G. The pragmatics of politeness in scientific articles. *In: Applied Linguistics*, v.10, n.1, p.1-33, 1999.

NEARY-SUNDQUIST, C. The use of hedges in the speech of ESL learners. *In: Elia: Estudos de Linguística Inglesa Aplicada*. Vol. 13, p. 149, 2013.

NEVES, M. H. de M. Imprimir marcas no enunciado. Ou: A modalização na linguagem. *In: NEVES, Maria Helena de Moura. Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 150-219.

ODLIN, T. *Language transfer: Cross-linguistic influence in language learning*. New York: Cambridge U. P, 1989.

_____. Cross-Linguistic Influence. *In: Doughty, C. J. and M. H. Long. (eds.): 436-486*, 2003.

OFFORD-GRAY, C; D. ALDRED. A principled approach to ESP course design. *In: Hong Kong Journal of Applied Linguistics* 3/I: 77-86, 1998.

OLSEN, L. A. Research on discourse communities: An overview. *In: R. Spilka (ed.). Research on Discourse Communities: An Overview*. Carbondale & Edwardsville, IL: Southern Illinois University Press, 1993.

ORLIKOWSKI, W. J.; J. YATES. Genre repertoire: The structuring of communicative practices in organizations. *In: Administrative Science Quarterly* 39/4: 541-74, 1994.

PEIRCE, C. S. Vague. *In: BALDWIN, J. M. (ed.) Dictionary of Philosophy and Psychology*. V. 2. London: Macmillan, 1902.

PERKINS, M. Modal expressions in English. London: Frances Pinter, 1983.

PURVES, A.C. 1988. Introduction. *In: Purves, A. (ed) Writing Across Languages and Cultures: Issues in Contrastive Rhetoric* (pp. 9-21). Newbury Park, CA: Sage Publications.

REZENDE, P. A. de; HEMAIS, B. Análise comparativa de artigos científicos da área da saúde. *In: The ESPecialist*, vol 25, nº 2 (131-152), 2004.

ROUNDS, P. On hedging in social science written texts. University of Michigan (Mimeo), 1981.

_____. Hedging in written academic discourse: Precision and flexibility. (Mimeo). University of Michigan, 1982.

RUSSELL, B. Vagueness. *Australasian Journal of Philosophy and Psychology*, Vol. 1 (1923), 84-92. Reprinted in R. Keefe and P Smith, *Vagueness: A Reader*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1997, pp. 61-8.

SALAGER-MEYER, F. Hedges and textual communicative function in medical English written discourse. *In: English for Specific Purposes*, 13, 149-170, 1994.

SHEN, F. The classroom and the wider culture: identity as a key to learning English composition. *In: College Composition and Communication* 40: 459-66, 1988.

SKELTON, J. Care and maintenance of hedges. *In: ELT Journal*, 42(1), 37-43, 1988.

SWALES, J. (ed.) Episodes in ESP: a source and reference book on the development of English for Science and Technology. Oxford: Pergamon, 1985.

_____. Genre analysis: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SUN, Y. *A produção de Hedges por falantes brasileiros de português e aprendizes chineses de PLA*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

_____. *Hedging em textos acadêmicos: uma perspectiva de aquisição de L3*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.

UYSAL, H. H. Argumentation across L1 and L2 Writing: Exploring Cultural Influences and Transfer Issues. *In: VIAL*. Number 9/2012: 133-519.

VARTALLA, T. Remarks on the Communicative Functions of Hedging in Popular Scientific and Specialist Research Articles on Medicine. *English for Especific Purpose*, v. 18, n. 2, p. 177-200, 1999.

YATES, L. Pragmatic challenges for second language learners. *In: A. Trosborg (Ed.), Pragmatics across languages and cultures* (pp. 287-308). Berlin: Walter de Gruyter, 2010.

ZUCK, J. G., & ZUCK, L. V. Hedging in newswriting. *In: A. M. Comu, J. Vanparijs, & M. De&aye (Eds.), Beads or bracelets: How do we approach LSP?* (pp. 172-181). Leuven, Belgium: Oxford University Press, 1987.